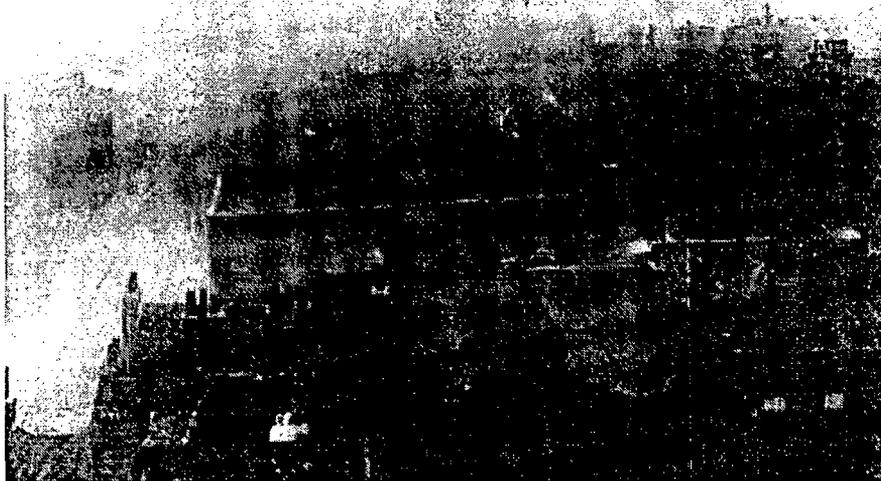


UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

***DICKENS E A ERA VITORIANA:
ASCENSÃO DA INDÚSTRIA, DECLÍNIO DO HOMEM***



Londres sob a fumaça, aproximadamente 1900, © The Children's Society

NATAL/RN
JANEIRO/2005

VIVIANE CÁRDENAS

***DICKENS E A ERA VITORIANA:
ASCENSÃO DA INDÚSTRIA, DECLÍNIO DO HOMEM***

Monografia apresentada a Disciplina Pesquisa Histórica II, ministrada pelo prof. Hélder do Nascimento Viana, como requisito final para aprovação no curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

NATAL/RN
JANEIRO/2005

Sumário

Introdução	04
Capítulo I - Os trabalhadores de Dickens	07
Capítulo II - A cidade na Era do vapor	26
Capítulo III - A burguesia: reis e damas de ferro	42
Considerações Finais	50
Bibliografia	53

Introdução

Entre 1760 e 1860, o progresso tecnológico, a educação e aumento de capital transformaram a Inglaterra na vitrine do mundo. A revolução industrial causou um aumento substancial na renda per capita e, como consequência, também no resto do mundo ocidental. A industrialização foi feroz e rápida em algumas cidades inglesas, como Lancashire. Cidades, fábricas e indústrias se desenvolveram rapidamente entre as pequenas vilas. Alimentadas pelas águas dos rios, operadas pelo vapor e incrementadas pelo avanço tecnológico, organização administrativa e perspicácia comercial, por volta da metade do século XIX, muitas cidades inglesas eram verdadeiros parques industriais.

A era da rainha Vitória foi a era do progresso. Alexandrina Victoria (Fig. 1) foi uma rainha que marcou uma influência pessoal na vida política de um país. Nenhuma medida, uma vez por ela sancionada, podia ser modificada. Foi uma era avanço, mas também de muito puritanismo, austeridade e agudo senso de dever.



Fig. 1: Rainha Vitória (1819-1901)

É nesse cenário que nasce o escritor da era vitoriana: Charles Dickens.

Charles John Huffam Dickens (Fig. 2), nasceu em Portsmouth, sul da Inglaterra, em 07 de fevereiro de 1812 e faleceu em 09 de junho de 1870 em Londres.

Na infância trabalhou numa fábrica de garrafas, devido às dívidas de seu pai que fora preso, passando por várias dificuldades financeiras. Mais tarde ingressou numa escola de ensino superior onde aprendeu taquigrafia e dedicou-se mais tarde ao jornalismo.¹

A visão de Dickens da classe mais pobre deve ser atentamente analisada com relação a que tipo de pobre estamos nos referindo. Pela Lei dos Pobres de 1834², havia duas classes distintas de pobres na Inglaterra: os pobres “com mérito” e os “sem mérito”.

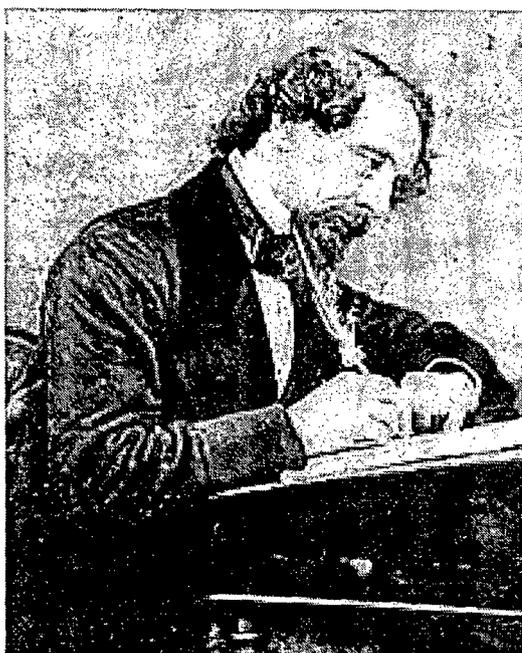


Fig. 2: Charles Dickens, fotografado por Herbert Watkins em 1858.

Certamente Dickens alimentava uma simpatia pela classe trabalhadora, que ele considerava como sendo o pobre “com mérito”. Um exemplo disso é a família Plornish na novela *Little Dorrit*, como uma família caracterizada pela sua própria sorte, como também Stephen Blackpool, na obra *Tempos Difíceis*, que será análise de estudo nesse trabalho; ou ainda trabalhadores de classe média lutando para esconder sua perda de posição social como Bob Cratchit em *Contos de Natal*. Dickens também tinha uma simpatia pelas classes

¹ DICKENS, Charles. *David Copperfield*. Rio de Janeiro: Ediouro, 13^o ed.

² The National Archives, Catalogue ref: MH 32/62

consideradas mais torpes, retratada pela prostituta Nancy em *Oliver Twist* ou a criança Jô, varredora de rua, do romance *A Casa Soturna*.

Dickens era visto como o “pai dos pobres”, pelos próprios pobres. O autor e crítico G.K. Chesterton (1874 – 1936) caracterizou Dickens como sendo o “porta-voz dos pobres”,³ um rótulo que foi amplamente impregnado na sociedade vitoriana do século XIX. Mas qualquer que sejam as ambivalências de Dickens e seus contemporâneos pudessem ter a cerca do pobre e da pobreza, um de seus grandes feitos foi trazer o problema da pobreza para a atenção dos leitores, ao introduzir uma variedade de pessoas pobres em quase todos os seus romances, e mostrando que a maioria dos pobres “com mérito”, bravamente lutavam contra as forças exibidas contra eles.

Para entender melhor como era o mundo de Dickens, tanto em sua obra quanto a sociedade em que viviam essas personagens tornam-se importantes objetos de estudo.

Esse trabalho tenta através a análise da obra *Tempos Difíceis*, captar essa ligação entre o mundo das Coketowns, do trabalho árduo e frenético das fábricas, e o mundo das pessoas que vivem nessa sociedade crescente.

No primeiro capítulo, será abordado o modo de vida do operário inglês, tendo como base as descrições de Dickens feitas do operário de uma fábrica, Stephen Blackpool.

No segundo capítulo, veremos como a cidade vitoriana funcionava, principalmente os grandes centros industriais como Manchester, Lancashire e a própria Londres, e a descrição de Dickens da vida numa Coketown.

Já no terceiro capítulo, será analisada a vida da burguesia industrial inglesa, tanto seus costumes quanto seus sentimentos, capturados com delicadeza por Dickens através da personagem Luísa.

³ HIMMELFARB, Gertrude. *The Dickensian Poor in The Culture of Poverty*, 1983.

Capítulo I

A Inglaterra do século XIX era fervilhante e pulsante. Pessoas transitavam por suas ruas estreitas e mal cheirosas, carruagens tentavam ganhar seu espaço em meio à essas pessoas e, depois de nascer mais um dia, os operários dirigiam-se para o fatigante trabalho nas grandes fábricas. Quem eram esses trabalhadores e como vivam? Quais eram os seus medos, esperanças e objetivos em meio a esse caos total que guiavam suas vidas?

Os trabalhadores de Dickens

“Os operários, homens e mulheres, rapazes e moças, regressavam às suas casas. O velho Stephen parara na rua com aquela estranha sensação que tinha quando as máquinas paravam – a sensação de terem trabalhado e parado dentro da própria cabeça”.⁴

Modo de Vida

A jornada de trabalho de um operário do século XIX na Inglaterra era uma tarefa penosa. Mesmo antes de começar o dia, já se notava o cansaço, denunciado pelo andar enfadonho dos operários. “*Um barulho de sapatos pesados na calçada, um tilintar rápido de sinetas e todos os elefantes melancolicamente loucos, polidos e oleados para a rotina diária, recomeçavam sua tarefa*”.⁵, descreve Dickens o cotidiano dos trabalhadores de Preston.

A duração de um dia de trabalho era longa. Só percebiam que o dia estava acabando quando as máquinas afrouxavam o seu movimento, pulsando como um organismo enfraquecido e paravam. A sineta tornava a tocar. Já era escuro lá fora. Operários existiam a centenas e milhares. Sabiam quanto cada um produzia num determinado tempo.

O dia-a-dia de um operário não tinha grandes acontecimentos. Sua diversão residia na bebida, no fumo e nas possíveis e eventuais festas. Em Coketown havia 18 instituições religiosas, mas ninguém sabia a quem pertenciam, “*porque aos operários não pertenciam*”⁶. Aos domingos, pela manhã, ao badalar dos sinos que chamavam os fiéis para mais um encontro, pouquíssimos eram os que se animavam para tal reunião, “*como se aquilo fosse*

⁴ DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: CDL, 1969, p. 50.

⁵ *Ibidem*, p. 53.

⁶ *Ibidem*, p. 27.

coisa que absolutamente não interessava a ninguém".⁷ Essa mesma gente que não participava de nenhum culto religioso, era a mesma gente que se embriagava; e aparentemente, ninguém, ou nenhuma organização, seria capaz de convencê-los a deixarem o vício. A estatística do período mostra que uma determinada organização (que sempre fora ouvida no parlamento) foi infeliz no projeto de tentar tornar "essa gente" religiosa à força, a fim de que parassem com essa tendência degradante.

Há também o aparecimento de uma Sociedade Abstencionista que insistia em mostrar dados que comprovassem que não importasse o horário e nem o local, não importasse o argumento que usassem (humano ou celestial); nada apartaria esses trabalhadores da bebida (Fig. 1)



Fig. 1 – Retrato de Dickens sobre as condições sociais dos trabalhadores (1894).

Outro fator que desencadeava também uma preocupação ainda mais diligente era o vício em ópio. O farmacêutico, com mais outras estatísticas, dizia que "*quando não se embriagavam, fumavam ópio*".⁸ E também o capelão da cadeia, com mais outras tantas estatísticas, afirmava que "*essa mesma gente freqüentava antros sórdidos, ocultos aos olhos do público, onde cantavam e dançavam*".⁹

O ópio era facilmente adquirido através dos médicos que os aplicava diretamente nos pacientes ou através e prescrições médicas. Farmacêuticos vendiam o produto por fora do caixa da loja. Havia também inúmeros medicamentos patenteados contendo morfina e/ou ópio. O estimulante Godfrey era particularmente popular na Inglaterra e era vendido em larga escala, administrado não somente por adultos, mas por crianças nos primeiros dias de vida ou até três anos de idade. Mesmo Marx tratou desse assunto no "Capital", sobre o ato dos ingleses em "medicamentar seus bebês" com ópio. Esse acontecimento real dessa sociedade é

⁷ Ibidem, p. 27.

⁸ Ibidem, p. 28.

⁹ Ibidem, p. 28.

ainda melhor vista em outra obra de Dickens, *Oliver Twist*, onde as personagens fazem o uso excessivo do ópio, “*sentados ao redor da mesa, havia quatro ou cinco garotos, ..., fumando ópio em longos cachimbos de argila*”.¹⁰ Crianças mais velhas também sofriam com o problema: de acordo com os papéis do parlamento, no artigo 38, temos um relatório com mais de 30 mortes por envenenamento de ópio, entre os anos de 1836 e 1839.¹¹

A partir de 1852, o ato do farmacêutico designou um limite a ser vendido por cada farmacêutico. Este ato, no entanto, nunca foi obrigatório.¹² Somente no século XX é que receitas prescritas serão necessárias para se adquirir o ópio. É desnecessário dizer que se o controle nas grandes cidades era difícil, nas pequenas era quase impossível. Mesmo após o ato do farmacêutico, um droguista local de Scarborough, faz suas próprias misturas e as indica como receita médica. Abaixo vemos sua receita:¹³

Gostas de café

- 50g de láudano
- 25 g de Parreygorrick
- 50g de elixir
- 150g de mel

Essa realidade da bebida e do vício não era exclusivamente masculina. As mulheres também se viciavam e desonravam a si e aos maridos em nome da sustentação desse mal. A decadência foi percebida na rápida trajetória do vício de uma operária, como Dickens descreve: “*ela começou a beber, abandonou o trabalho, vendeu a mobília, empenhou as roupas, .. (...) uma criatura esfarrapada, bêbada, mantendo-se a custo sentada*”, e que também abandonou o companheiro, “*desonrou-me de todas as maneiras. Voltava, voltava e tornava a voltar*”. Esse ciclo de vida miserável, sem perspectivas, também atingia os que não chegavam a se viciar, mas que carregavam em seus rostos todo o sofrimento em compartilhar a vida com alguém que vivia ébrio, “*padeci tanto que, sendo ainda novo, fiquei velho*”.¹⁴, desabafa Stephen Blackpool, personagem de *Tempos Difíceis*, que convive com uma esposa alcoólatra a qual não ama.

Vivendo numa realidade tão dura, o operário inglês não possui a auto-estima (*andava meio dobrado sobre si mesmo*) e sempre havia de existir uma válvula de escape para que pudesse prosseguir por mais um dia. Quando não eram a bebida ou o fumo (ou os dois), o

¹⁰ DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1969.

¹¹ Parliamentary Papers no.38 article 11

¹² Parliamentary Papers 1852

¹³ London Times, January, 1840 p.3

¹⁴ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969, p. 56.

refúgio a que alguns se detinham era o amor platônico, uma lembrança boa na memória para que conseguissem continuar sobrevivendo. “*Se não fossem os carinhos e as palavras da melhor moça, que jamais existiu, não teria agüentado tanto. Se não fosse ela, já eu teria endoidecido*”.¹⁵, comenta Blackpool acerca de Raquel, seu verdadeiro amor.

Contudo, a bebedeira, o fumo e as festas não eram as únicas diversões ou fuga desses trabalhadores. Eles conversavam entre si, quando não estavam extremamente exaustos para fazê-lo: “*operários em pequenos grupos conversavam, pelas esquinas*”.¹⁶

A vida de um operário nas fábricas era como uma penitência. Debruçavam-se sobre o tear e trabalhavam horas a fio, até ouvirem a sineta tocar. Por maior que fosse o número de homens, o número de máquinas sempre excedia, parecendo uma floresta. O valor humano não era percebido em meio a tanto cinza metálico. Conhecia-se até o menor pormenor do que uma máquina era capaz de fazer, não havia mistérios a serem desvendados neste sentido, porém, mesmo com relação ao mais mesquinho dentre todos esses homens, existia um mistério jamais interpretado. Um vazio abissal. Isso era o começo de problemas humanos sérios, resultantes do aumento da industrialização numa sociedade hipócrita.

Não podemos imaginar, na verdade, que esse padrão de vida dos trabalhadores fosse aumentar ou até mesmo melhorar, somente por causa do início da industrialização. Para Eric Hobsbawn, historiador de formação inglesa, o que houve foi uma leve subida inicial nesse padrão de vida e a diminuição da mortalidade, que seria a principal responsável pelo aumento nítido da população. Para ele, a melhora do padrão de vida depende da distribuição dos recursos adicionais produzidos por uma população, assim nos países onde faltasse o capital, seria inevitável que o padrão de vida dos populares tivesse uma significativa baixa. Já na Inglaterra, onde havia uma abundante disposição de capital, teoricamente, era muito provável que esse padrão de vida subisse. Mas na verdade, o que se deve esperar é que esse aumento do padrão de nível de vida tenha sido lento e gradual ou até mesmo, que possamos encontrar degeneração nesse processo. Logicamente, cria-se a expectativa de que a industrialização e a urbanização melhorem quase que de chofre, os padrões de vida de uma população, uma vez que os salários industriais são maiores que os rurais ou não-industriais, tais como no comércio. Na verdade, não podemos medir essa aparente melhora na condição de vida dos trabalhadores, simplesmente comparando o rural com o industrial, como se tivéssemos comparando o “pior” com o “melhor”. Os homens das cidades não estavam necessariamente em condições melhores do que os homens do campo (muitas vezes até em piores condições,

¹⁵ Ibidem, p. 58.

¹⁶ Ibidem, p. 141.

como por exemplo, as condições insalubres de trabalho e das moradias) e, ainda havia a possibilidade de os pobres estarem ficando cada vez mais pobres.

Londres, a metrópole imperial, era uma cidade de contrastes. Contrastes principalmente percebidos através da ostentação da riqueza e poder de um lado e da dimensão da miséria e medos, de outro. Esses contrastes também existiam no campo, mas os da cidade eram mais árduos, presentes e muito mais problemáticos, devido ao crescimento progressivo da metrópole.

Os trabalhadores pobres eram a maioria da população. De um modo geral, a deterioração da vida desses trabalhadores era muito maior do que sua melhoria, mas isso não descarta a possibilidade de que uns pequenos grupos dentre esses trabalhadores miseráveis tivessem numa situação bem melhor depois de um determinado período de tempo. A mortalidade, a saúde e o desemprego são fatores que nos possibilitam medir esse possível aumento/ declínio do padrão de vida dos operários ingleses. A expectativa de vida não chegava aos 50 anos de idade, mas o que aumentava a taxa de mortalidade não era a morte de adultos e sim de jovens e crianças, e principalmente dos homens trabalhadores com idade entre 30 e 60 anos, explicado pelas condições sociais vigentes. Muitas crianças não viviam para se tornarem adultos. No Cemitério de Newell, em Attleboro, a lápide marca as sepulturas da família Stanley:

Marido--	Sêneca M. Stanley	(1804-1877)
Esposa	Mary A. Stanley	(1811-1896)
Crianças	William Arthur	(1837-1837)
	Joseph George	(1840-1840)
	Lydia Ann	(1840-1840)

Fonte: Preston and Haines, *Fatal Years*, Princeton, Princeton University Press, 1991.

Muitas crianças inglesas pobres, principalmente das cidades de Londres, Sheffield, Leocester, Manchester e Liverpool, entre 1837 e 1842, fazem parte de uma estatística que mostram dados onde houveram 11.944 mortes, sendo metade de crianças com menos de cinco anos de idade:

Abaixo 1 ano de idade:	2,983
1 ano:	1,511
2 a 4 anos:	1,544
Total:	6,038

Fonte: Preston and Haines, *Fatal Years*, Princeton, Princeton University Press, 1991.

O censo de 1851 nos mostra que metade da população da Inglaterra já vivia em cidades, mas, por outro lado, viver no campo ainda era mais saudável. Um bebê nascido numa cidade com uma população com mais de 100.000 pessoas em 1820, tinha uma expectativa de viver no máximo 35 anos, em 1830, cai para míseros 29 anos. A comparação entre uma cidade não saudável e uma pequena cidade comercial mostra a que custo foi feita a migração das pessoas em busca de trabalho e prosperidade. Em 1851, um menino nascido em Liverpool tinha a expectativa de vida de apenas 26 anos, comparado com um garoto que houvesse nascido numa pequena cidade como Okehampton, onde poderia viver até 57 anos.

As grandes cidades eram desesperadamente doentes e seus índices de mortalidade, muitas vezes, chegavam a ser maiores dos que os da Peste Negra que assolou a Europa séculos antes.

O baixo padrão de vida dos trabalhadores também pode ser explicado pelo desemprego. É verdade que a oferta era grande nas fábricas, mas encontrar um trabalho não era fácil: “*os meus braços são meu único ganha pão (...) onde posso eu encontrar trabalho se não em Coketown, onde trabalho desde garoto*”?¹⁷

Não só encontrar emprego não era fácil, mas as probabilidades de conseguir trabalho para um homem que tenha sido despedido por um patrão são muito pequenas, quase nenhuma: “*o senhor bem sabe (...) que se me recusar trabalho, não o encontrarei em parte alguma*”.¹⁸

A pobreza pouco mudava nesse panorama, o que acontecia era que trabalhadores com empregos mal pagos, depois de determinado período, ascendiam para empregos um pouco menos miseráveis, mas ainda assim na margem da pobreza, ainda assim muito mal pagos.

Segundo Hobsbawn, no início da década de 1840, 10% da população total era de pobres, e estes não estavam em condições tão mais degradantes do que o restante da população. A diferença era muito tênue. O impacto do desemprego era muito maior na mão de obra dos pequenos artesãos independentes, trabalhadores que vinham de fora ou que trabalhavam meio-expediente, muito mais esses fatores acima citados do que a interrupção de trabalho propriamente dita.

Os maiores grupos de trabalhadores sofreram muito com o desemprego. Durante a década de 1830, mais da metade dos trabalhadores dos teares perderam seus empregos. De

¹⁷ Ibidem, p. 93.

¹⁸ Ibidem, p. 96.

1841 a 1842 (Tab. II) houve um outro colapso com números bem mais representativos como mostra a tabela abaixo a seguir:

Tabela II. Desemprego em algumas cidade de 1841 a 1842.¹⁹

Cidade	Habilitados para trabalho	Empregados		Desempregados
		Totalmente	Parcialmente	
Liverpool/ Vauxhall	4.814	1.841	595	2.378
Stockport	8.215	1.204	2.866	4.145
Colne	4.923	964	1.604	2.355
Bury	3.982	1.107	-	-
Oldham	19.500	9.500	5.000 (meio exped.)	5.000
Accrington (têxteis)	3.738	1.389	1.622	727
Wigan	4.109	981	2.572	1.563

Esse desemprego afetou drasticamente no consumo desses trabalhadores. Pouquíssimos tinham condições de juntar algum dinheiro como reserva em situações de emergência (pelo simples fato de não sobrar nada do salário para isso). Com isso, o desemprego os empurraria para uma miséria completa. As famílias penhoravam tudo: roupas, sapatos, colchões, colchas, lençóis, fronhas, a fim de incrementar a renda salarial; mas isso seria apenas o suficiente para sustentar uma família por algumas semanas. Nesse período de 1841-42, o desemprego poderia durar por mais de um ano. Supondo que um trabalhador ficasse desempregado por apenas alguns meses, e mesmo tendo crédito aos comerciantes, assim que começasse a trabalhar, sua dívida perante eles seria enorme, e ele trabalharia por um longo período apenas para pagar essas dívidas, o que acarretaria em continuar na miséria, com um padrão de vida ainda mais baixo, mesmo estando ativo no mercado de trabalho. E essa era a situação de milhares de trabalhadores da Inglaterra do século XIX.

O desemprego também afetou no consumo direto. A alimentação dos operários baseava-se basicamente em pão, açúcar, chá e manteiga: “(...) *comprou na loja mais próxima uma pequena porção de chá e açúcar, um pão e manteiga. O pão era fresco e bem cozido, a manteiga e o açúcar de boa qualidade*”.²⁰, descreve Dickens as compras da personagem Stephen Blackpool. O pobre comia manteiga e apenas o miserável não tinha condição de consumi-la. Houve também um declínio no consumo de leite, já que haviam menos vacas, devido ao processo de urbanização.

Desemprego e penúria geralmente reduziam a classe trabalhadora a condições inimagináveis. Particularmente, nos distritos centrais de Londres, as estradas de ferro e prédios comerciais deslocaram o pobre para habitar pequenas áreas densamente povoadas.

¹⁹ HOBBSAWN, Eric. *Os trabalhadores*. São Paulo, Paz e Terra, 1981, p. 83.

²⁰ DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: CDL, 1969, p. 98.

Muitas pessoas moravam nas ruas, principalmente as crianças. “Não é possível descrever a miséria, sujeira e esqualidez de milhares de dissolutos vagabundos famintos e bêbados, que eram vistos nas ruas”.²¹

Havia outros tipos de trabalhadores em outras atividades econômicas de um nível ainda mais baixo. Encontramos os vendedores de peixes, frutas, vegetais, mágicos de ruas, varredores das vias públicas, engraxates e crianças que coletavam esterco de cavalos e cachorros (Fig. 2). A prostituição era dominante. Havia cerca de 3000 bordéis em Londres em 1859 e aproximadamente 9000 prostitutas cadastradas na polícia.²²



Fig. 2: Vendedor ambulante de frutas e verduras com seu burro, *Punch*. / Performance de uma mágico das ruas, *London Labour and London Poor*, Henry Mayhew (1851). / Varredores de ruas. *London Museum, from London 1808-1870: The Infernal Wen*, Francis Sheppard (1971).

Esse quadro de pobreza e vida dura gerava um problema social muito grande: a violência. Praticamente todos os comerciantes eram vítimas de algum tipo de roubo. Superpopulação, congestionamento, pobreza, crime, doenças e alto índice de mortalidade eram condições comumente encontradas juntas, como característica de um mesmo indivíduo. O medo era externado através dos “outdoors” da época. (Fig. 3)

²¹ COLEMAN, Henry. *European Life and Manner's from London 1808-1870*, 1849.

²² MAYHEW, Henry. *London Labour and London Poor*, 1851.

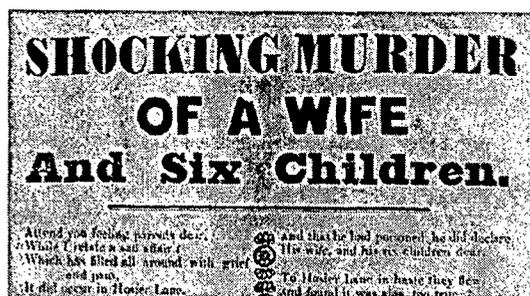


Fig. 3: Letreiro que mostra uma manchete de crimes locais: *Assassinato Repugnante de esposa e seis crianças.* *The Victorian City; Images and Realities*, Dyos and Wolff (1973).

Em 1829, a primeira força policial foi organizada pelo secretário Robert Peel, que investiu autoridade máxima em dois comissários. Mais tarde, em 1842, uma força de detetives foi formada e 30 anos mais tarde, em 1878 foi chamada de C.I.D (Crime Investigation Detectives). O detetive Bucket, da obra *Bleak House* (A Casa Soturna), é um bom exemplo dessa espécie de detetives (Fig. 4).



Fig. 4: *Inspetor Charles F. Field, membro da força de detetives. Ele conduziu Dickens através das mais imundas ruas de Londres e era o original Inspector Bucket.* *The Dickens Encyclopedia*, Hayward (1924).

Na segunda metade do século XIX, era muito fácil ser um prisioneiro em Londres. Até 1850, meninos com idade de 8 anos que eram regularmente enviados para as prisões eram considerados “velhos detentos” mesmo tendo apenas 12 anos. Quando o censo foi feito em 1851, havia mais de 6000 presos nas cadeias londrinas. Mais crimes significava mais prisões. A primeira providencia tomada foi fazer prisões em cascos de velhos navios. Foi de um navio-prisão que *Magwich* escapou para aterrorizar o jovem Pip em “*Great Expectations*”.²³ Os prisioneiros dessa época, diferentemente de hoje, tinham celas individuais, mas elas não tinham nada de humano. Seu objetivo era isolar os prisioneiros e impor silêncio. Na prisão de Petonville fortificava a idéia de isolamento: quando os prisioneiros deixavam as celas eram

²³ DICKENS, Charles. *Great Expectations*. Canadá, The MacMillan Company of Canada Limited, 1965.

obrigados a vestir capuzes na tentativa de impedir de se comunicarem. Em Coldbath Fields, o trabalho imposto aos prisioneiros era insensível e uma penosa rotina: colhendo estopas em total silêncio ou girando manivelas por mais de 8 horas diárias (Fig. 5). Tratamentos desse tipo geralmente levavam os internos a serem diagnosticados como loucos. Devedores iam para prisões diferentes dessas, tais como Fleet, Queen's Bench e Marshalsea, onde ficavam até que seus credores fossem pagos. Em *Little Dorrit*, o pai de Nell era prisioneiro de Marshalsea. O carcereiro se refere a ele como o "Pai de Marshalsea". "Sai?, disse o carcereiro, "ele nunca vai sair daqui. A menos que os credores o pegue pelos ombros e o empurre para fora."²⁴

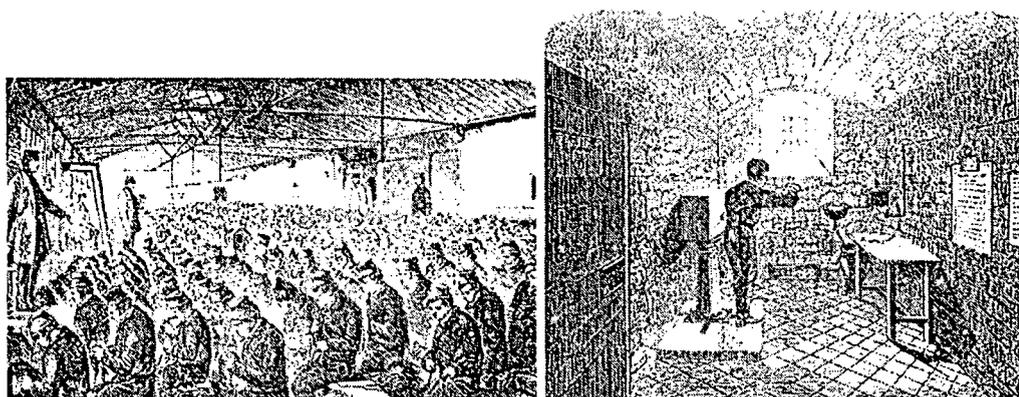


Fig. 5: Sala da estopa da Prisão Coldbath Fields. "Nós fomos para a Casa de correção a fim de testemunhar as operações do sistema silencioso, e procurar pelas "rodas" em grande ansiedade, à procura de nosso amigo que havia ido há muito tempo". Sketches by Boz²⁵. London Museum, from *London 1808-1870: The Infernal Wen*, Francis Sheppard (1971) / Prisioneiro rodando manivelas na Prisão de Survey, gravura em Mayhew and Binny's *Criminal Prisons of London*, 1862. London Museum, from *London 1808-1870: The Infernal Wen*, Francis Sheppard (1971).

Mais tarde, no final do século XIX, a Corte para julgar os crimes foi transferida para Newgate, tornando-se o principal local de execuções públicas. Até a abolição dessas execuções em 1868, era muito fácil assistir os procedimentos de tal evento público. Aqueles que tinham condições financeiras pagavam até 50 guineus para alugar salas onde pudessem ter a melhor vista para assistir a execução. É em Newgate que testemunhamos a execução de Fagin, na obra *Oliver Twist*.²⁶ (Fig. 6)

²⁴ DICKENS, Charles. *Little Dorrit*.

²⁵ DICKENS, Charles. *Sketches by Boz* in *Os Carrilhões e outros contos*. Rio de Janeiro, Ediouro.

²⁶ DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 1969.

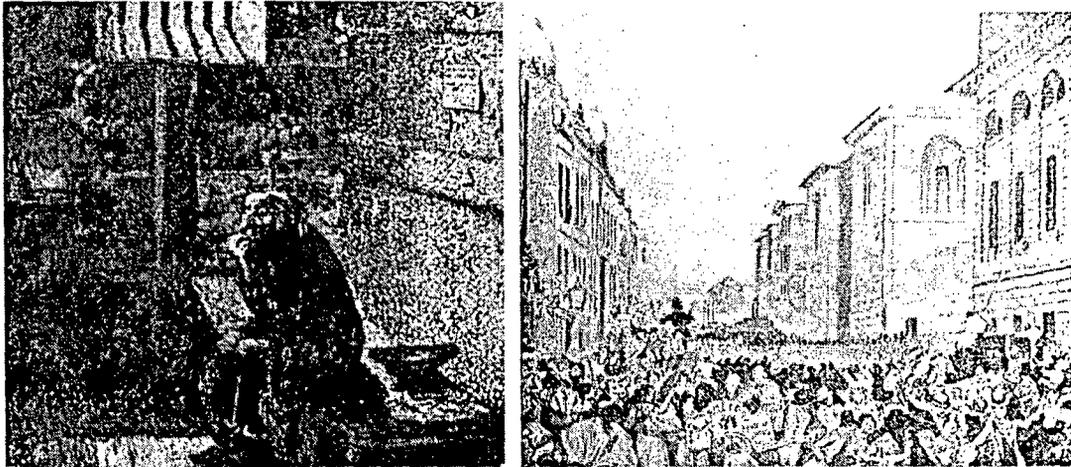


Fig. 6: *Fagin esperando a execução numa das celas de condenados em Newgate. "Estava muito escuro, porque eles não trouxeram uma lamparina? O condenado estava sentado em sua cama, rolando de um lado para o outro, com uma fisionomia que mais parecia ser de uma besta enjaulada do que a face de um homem". Oliver Twist.²⁷ / A multidão ia para fora dos portões da Prisão de Newgate par assistir a execução pública. The Dickens Encyclopedia, Hayward (1924)*

A criança trabalhadora merece uma particular atenção, pois muitos dos trabalhadores ingleses ainda estavam na infância. Embora as minas de carvão fossem lugares perigosos, esse foi o local de trabalho de muitas das crianças vitorianas. Elas ficavam à mercê de tetos que poderiam desabar a qualquer momento ou explosões dentro das minas que poderiam lhes causar sérios ferimentos, além de se sentirem mal fisicamente quase que todo o tempo que passavam lá embaixo (Fig. 7).

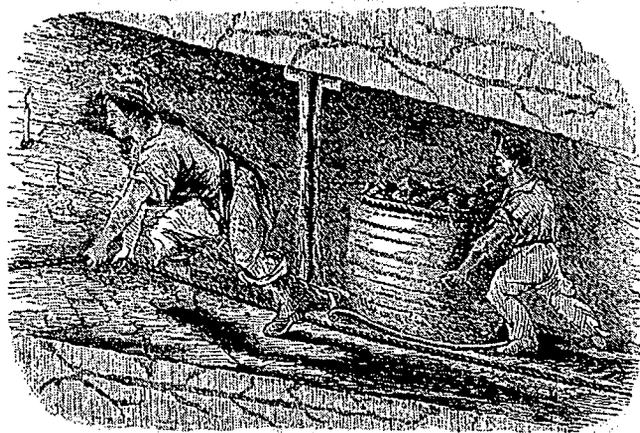


Fig. 7 – Crianças dentro das minas.

No início, muitos dos próprios pais empregavam as crianças em seus locais de trabalho, trabalhando ao seu lado, onde encontrávamos crianças trabalhando em teares por até doze horas por dia. Muitas dessas crianças trabalhavam junto à essas máquinas pois seus dedos e mãos eram pequenos, facilitando o concerto quando estas quebravam, "os dedos das

²⁷ Ibidem.

*crianças nas idades mais tenras são muito flexíveis, e são melhor ajustáveis a fazer esse tipo de serviço nas máquinas”.*²⁸

Não havia muitas leis e segurança. As crianças faziam vários tipos de trabalhos. Muitos desses trabalhos eram tarefas desagradáveis e perigosas. Muitas crianças ficavam atrás das portas das minas, com as funções de serem “porteiras”. Com um pequeno pedaço de corda preso ao dedo, elas abriam as portas para que os carros cheios de carvão (também empurrados por crianças) pudessem passar. Embora esse fosse um dos trabalhos mais “leves” dentro das minas, o lugar onde essas portas ficavam geralmente eram os mais sujos e úmidos lá de dentro. (Fig. 8)

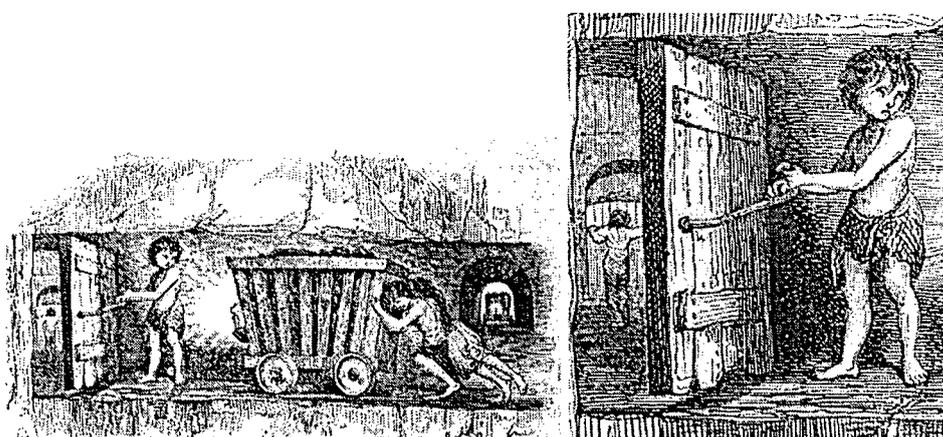


Fig. 8: Crianças empurrando pesados carros cheios de carvão e os “porteiros” das minas.

Crianças mais velhas faziam trabalhos mais pesados: levavam sacos de carvão nas costas para fora das minas.

Muitos donos de fábricas e minas não achavam que estavam transgredindo nenhuma lei mantendo aquelas crianças ali, executando trabalhos terríveis, trabalhando horas a fio e recebendo um pagamento ínfimo.

Mais tarde, inspetores (chamados de comissários) eram enviados à Inglaterra para coletar dados das próprias crianças (Fig. 10) e seus relatórios foram amplamente debatidos no Parlamento. Durante quase todo o reinado da Rainha Vitória, novas leis passaram a determinar como ilegal o trabalho infantil. O Ato das Minas proposto pelo governo em 1842 proibia empregar mulheres, meninas e meninos abaixo de 10 anos para trabalharem dentro

²⁸ GASKELL, Peter. *The Manufacturing Population of England: Its Moral, Social, and Physical Conditions, and the Changes which have Arisen from the use of Steam Machinery; with an Examination of Infant Labour.* 1833. New York: Arno Press, 1972.

das minas. Em 1868 o ato da equipe de agricultores dizia que nenhuma criança abaixo de 8 anos poderia ser empregada em fazenda de trabalhadores. Em 1875, o ato dos meninos escaldadores de chaminés estabeleceu que era ilegal que meninos subissem nas chaminés para limpá-las (Fig.10). Embora um grande passo tivesse sido dado em direção a eliminar o trabalho infantil no século XIX, ainda por volta de 1900, muitas crianças com menos de 9 anos ainda trabalhavam nas minas.



Fig. 10 – Inspetores dentro das minas.



Limpador de chaminés, *Punch* (1846).

Dentre os relatórios de Lord Ashley, encontramos as observações feitas a cerca de um menino de apenas 8 anos de idade que trabalhava dentro das minas. As crianças eram todas numeradas e tratadas como mercadorias. Sua alimentação era precária e seu estado de subnutrição era alarmante.

“Número 309. *George Bentley*. Tem 8 anos de idade. Trabalhou por um ano (...) ganha 1s. por dia. Mora em *South Normanton* e caminha por 1 milha e meia (cerca de 2,4 km) antes de chegar na mina. Toma café da manhã antes de sair de casa (...) Ele nunca trabalha à noite ou nos domingos. Come pão e manteiga no café da manhã, pão, batatas e às vezes bacon no jantar e pão e leite na ceia. Ele vai na escola dominical *Ranters* em *Normanton*. Este menino tem a aparência subnutrida, bem como outros três. (...) Visitei suas casas, ele e os outros meninos tem a aparência mais miserável que já vi.”. Fig. 11.²⁹

No. 309. *George Bentley*.
Is eight years old. Has worked a year; drives between; has 1s. per day. He lives at *South Normanton*, and has a mile and a half to walk to the pit. He breakfasts before he leaves home. Goes down at half-past six to eight, one hour dinner; three-quarter days half-past six to seven; half days half-past six to half-past three or four, no dinner-hour allowed. He never works by night or Sunday. Has bread and fat for breakfast, bread, potatoes, and sometimes bacon for dinner, and bread and milk at night. He goes to the *Ranters' Sunday-school* at *Normanton*, learns a B, ab.
This boy appears half-starved; he, as well as three others, are B. B. I visited their homes: it and the boys were the most wretched I witnessed.

Fig. 11 – relatório sobre as crianças que trabalhavam nas minas.

²⁹ *The National Archives*, London. (Catalogue ref: ZHC 2/79)

Dentre os novos leitores do século XIX também se achavam os mais pobres: os artesãos, o operário e os empregados das casas dos burgueses. Não só os homens liam como também as mulheres estavam saindo da estatística das não alfabetizadas. Essa diferença entre homens e mulheres analfabetos sempre foi maior nas escalas sociais mais baixas. Segundo Martyn Lyons, “*Na Inglaterra, onde eram mais altas as taxas de alfabetização, em 1850, 70% dos homens e 55% das mulheres sabiam ler*”.³⁰ Na verdade, acreditava-se que um número maior de mulheres fossem aptas a ler. A Igreja incentivava ao máximo as pessoas a lerem. Mas escrever era outro processo. A maioria lia sim, mas escrever poucas o faziam. A habilidade da leitura conduziria tantos operários quanto operárias a lerem sobre o sagrado e tentarem colocar aqueles preceitos em suas vidas, mas encorajá-los a escrever, isso seria até considerado perigoso, visto que estariam conquistando liberdade e independência demais. Estariam aptos a fazerem a ligação entre leitura e escrita, e estariam a um passo de pensarem e formularem conceitos por si próprios. E quanto a isso a Igreja não poderia se responsabilizar. Na maioria das famílias cabia às mulheres a tarefa da leitura, e aos homens o trabalho da escrita. A educação das mulheres sempre foi atrasada com relação a dos homens, embora muitos operários mal soubessem ler: “*(..) meu pai sabe mesmo muito pouco. Escreve com tanta dificuldade que a maior parte das pessoas não consegue perceber a letra dele*”.³¹, testemunha Sissy, personagem de *Tempos Difíceis*.

Esses números divergiam um pouco entre o rural e a cidade, onde esses níveis altos de alfabetização eram somente encontrados nas grandes capitais européias. O número de leitores acompanhou o crescimento da educação primária, que somente passou a ser gratuita e obrigatória quando o analfabetismo estava praticamente extinto (Fig.12).

³⁰ LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças e operários* In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ed. Ática, 1999.

³¹ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969, p. 47.



Fig. 12 Apenas algumas crianças iam à escola no começo do reinado da Rainha Vitória. A maioria das crianças trabalhava, e o que ganhavam era uma importante parcela do sustento da família. Se eles fossem à escola, suas famílias poderiam perder esse dinheiro.

Um relatório de 1840 revela que pouquíssimas crianças estavam recebendo educação e 70% das crianças das paróquias de St. George, St. James e St. Anne não tinha instrução alguma.³² A consequência foi o estabelecimento das “ragged schools” (escola para os esfarrapados), amplamente administradas por evangélicos e direcionadas para as crianças de pais necessitados. Em 1851, havia 74 dessas escolas e em 1853 o número aumentou para 116. A educação nessas escolas era muito introdutórias e seu principal objetivo era tirar as crianças das ruas. As “ragged schools” eram escolas para crianças tão pobres que não tinham condições de ter o uniforme necessário para frequentarem a escola dominical. Muitas das crianças que iam para essas escolas, raramente aprendiam alguma coisa, pois não havia professores suficientes. As crianças mudavam muito de uma escola para outra, porque os pais sempre migravam de cidade a fim de procurar trabalho.³³

Outro tipo de escola eram as “Dame Schools”. Eram escolas pequenas, administradas por mulheres mais velhas. Elas cuidavam das crianças de sua cidade, ensinando, provavelmente, como ler, costurar e tricotar. Elas eram pagas por semana, pelo valor que os pais das crianças pudessem lhe dar. O precário ensino era feito através de textos bíblicos ou livros de ortografia. Aparentemente, seu principal objetivo era cuidar das crianças, como babás, do que prover-lhes educação. Dickens nos dá uma fiel descrição de como eram essas “Dame Schools”, em seu livro “Great Expectations”:

“A tia-avó da Sra. Wopsle tinha uma escola noturna na cidade (...) era uma ridícula mulher de meia-idade, de meios limitados e ilimitada fragilidade, que costumava ir dormir entre 18

³² *Illustrated London News* (1853), from *The London Doré Saw*, Eric de Maré (1973)

³³ COLLINS, Philip. *Dickens and education*. London: MacMillan & Co. Ltd., 1963

*e19h toda noite, numa sociedade de jovens que pagavam dois pence cada, por semana, na melhor oportunidade de vê-la fazer isso”.*³⁴

Com a jornada de trabalho mais curta, a grande parte dos trabalhadores aderiu como recreação nas horas de lazer o hábito da leitura. Essa leitura era praticamente de romances baratos, cujas edições alcançariam um público bem maior do que o de um romance tradicional.

O tipo de leitura também se diversificava com relação ao sexo. Às mulheres, cabia a leitura de ficção romântica e popular, revistas semanais ilustradas e livros de culinária e etiquetas. Aos homens cabia a leitura de jornais que registravam os eventos públicos. As mulheres da classe operária também liam (revistas, receitas, ficção, moldes de costura), embora não dessem valor ao seu saber literário. A prática da leitura era ofensiva ao ritmo de trabalho exigido, fazendo com que cultivassem o hábito de lerem escondidas. Embora houvesse bibliotecas públicas para que esses trabalhadores pudessem ler, elas eram mais freqüentadas por mulheres, estudantes e funcionários de escritórios. A leitura das mulheres das classes mais baixas limitava-se a ser dentro de casa e era uma literatura quase pueril: “(...) *lia somente para meu pai (...), histórias de fadas, do anão e do corcunda e dos gnomos*”.³⁵

Com o ritmo de trabalho mais devagar, a procura de empréstimos nas bibliotecas públicas aumentava, principalmente no inverno, momento em que a jornada de trabalho era mais curta. Muitos trabalhadores perseguiam a penosa estrada de educação autodidata. A fim de superarem a pobreza e as dificuldades, muitos trabalhadores começam a escrever suas próprias autobiografias. Muitos são os exemplos apresentados por Martyn Lyons³⁶, tais como o de Thomas Wood, um mecânico de Yorkshire, que alugava, quando tinha 16 anos, um jornal velho de sete dias a uma taxa de um penny por semana e o lia perto da lareira por não ter dinheiro para comprar velas, ou como Thomas Cooper, sapateiro, que lia toda madrugada das 3 ou 4 até às 7 horas, continuava a ler nas refeições diante do prato, prosseguindo das 7 horas da noite até cair de exaustão, sempre recitando algum texto enquanto trabalhava no seu cubículo de sapateiro. Era essa vontade de vencer que dava sustentáculo e ânimo para enfrentar essa maratona de horas a fio de leitura feitas à luz de velas: “*como consegui vencer,*

³⁴ DICKENS, Charles. *Great expectations*. Canadá, The MacMillan Company of Canada Limited, 1965.

³⁵ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969, p. 43.

³⁶ LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças e operários* In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

nem sei (...) Eu era decidido, suponho. Tenho sido um homem decidido nos últimos tempos da minha vida e suponho que já o fosse então".³⁷

A grande quantidade de autobiografias de operários que surgiram nesse período nos dá uma visão da crescente consciência que essas pessoas estavam adquirindo e também do seu domínio da palavra escrita. A pobreza e a falta de tempo tornavam o estudo quase que impossível. Somente poucos se atreviam a caminhar nessa árdua estrada. A maioria dos autodidatas que escreveram suas próprias autobiografias foram os artesãos, cujo trabalho permitia que, entre os intervalos, se dedicassem à leitura e escrita.

O objetivo desses autodidatas era a sua realização intelectual e de se aprimorar, o esforço em poupar dinheiro para comprar livros, sacrificar a saúde e o sono, por em risco suas amizades a fim de ficar horas lendo com a determinação de adquirir conhecimento. Não só pelo conhecimento se fazia todos esses sacrifícios, mas também a fim de conseguirem se livrar do vício da bebida, de se valorizar e de se distinguirem em meio aos colegas trabalhadores. Seu processo de conhecimento estava ligado ao fato de repetirem e memorizarem muitos dos textos que liam. Ensinavam a si mesmos através da memorização.

Infelidades para uns – felicidade para outros: as relações sociais

O relacionamento entre o patrão e o empregado muitas vezes não poderia ser classificado como relacionamento propriamente dito. A vinda de operários à casa dos patrões era somente permitida se o patrão o chamasse e, mesmo assim, só era recebido se o patrão não tivesse nenhuma queixa dele: *"poderia o criado ir dizer-lhe que um de seus operários pedia licença para lhe falar? Veio a resposta ao recado. Nada havia contra ele; podia entrar"*. Muitos nem conheciam os próprios empregadores, a maioria os conhecia somente de vista.

Os empresários industriais do século XIX tratavam de fazer vigorar essa distância entre eles e os operários. Vemos isso claramente não só em suas atitudes, mas também no próprio mundo social, como por exemplo, as placas das entradas dos banheiros públicos (Fig. 13). Homens de primeira classe não usavam o mesmo *toilet* dos homens de segunda classe, e sinalizar isso, abertamente e publicamente, fazia parte do convívio dessas duas classes sociais

³⁷ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 21.

tão distintas. Eles acreditavam que a força do trabalho estava ligada ao fato de haver um incentivo monetário por detrás de tudo isso. Como Townsend observou em

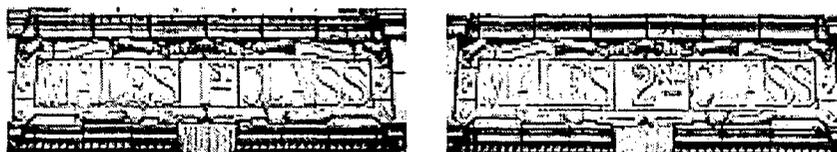


Fig. 13 – Pórtico da entrada dos banheiros públicos ingleses e masculinos.

1780: “os pobres pouco sabem dos motivos que estimulam as categorias mais altas à ação – orgulho honra e ambição. Em geral é apenas a fome que pode incitá-los e convencê-los a trabalhar”.³⁸

Para os patrões, somente a disciplina faria com que os operários trabalhassem. Cabia aos patrões usar a repressão, tanto a econômica quanto a não econômica, para que os trabalhadores continuassem trabalhando. Foi justamente na Inglaterra que presenciamos o aparecimento da Lei de Patrões e Empregados, que punia as violações de contrato mais severamente para os trabalhadores do que para os patrões. O problema que os patrões enfrentavam com os operários não era uma simples falha em lidar com o temperamento dos empregados, mas sim em empregadores que estavam muito mais preocupados em arrumar uma maneira de fazer uma folha de pagamento mais baixa por horas mais longas de serviço, com menor custo da mão-de-obra por unidade de tempo, preocupando-se em combinar mecanização com disciplina, do que dar maior atenção à administração da mão-de-obra em si, ao fator humano que se encontrava debilitado, cansado e desvalorizado em meio às essas máquinas. Os direitos dos trabalhadores eram mínimos (se é que havia algum).

O relacionamento entre empregados era um pouco diferente. Havia certa fidelidade e camaradagem para com os seus semelhantes, que somente era quebrada por questões pessoais (promessas) e que fossem de encontro com os ideais da União. Quando isso ocorria, todos tomavam a providência de isolar aquele operário que não queria acompanhá-los numa determinada solução: “e foi assim que Stephen Blackpool, sem olhar para ninguém, passou a ter a vida mais solitária que se possa imaginar, uma vida de isolamento, entre uma multidão de gente conhecida”.³⁹ Mesmo quando o empregador exigia saber o que se passava entre os operários esses não faltavam com a lealdade entre si: “eles são leais e fiéis uns aos outros, dedicados uns aos outros, até à morte”.⁴⁰

³⁸ HOBSBAWN, Eric. *Os trabalhadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1981. p. 356.

³⁹ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 93.

⁴⁰ *Ibidem*, p. 95.

Esse sentimento que nutriam entre si era o sentimento de sentirem-se um pouco mais humanos, devido ao fato de receberem condições de trabalho nada humanas o tempo todo e de serem tratados, muitas vezes pelos patrões, como se fossem máquinas. Num local onde se passava até 14 horas trabalhando e seu “companheiro” mais próximo era um tear, dentro de uma vida sem perspectivas ou probabilidades. Assim, o único momento que assegurava que essas pessoas ainda fossem humanas era o fato delas se encontrarem juntas aos seus, numa cordialidade e num calor humano que há muito tempo haviam perdido. Embora se sentissem sozinhas num mar de gente, era esse único momento do contato que ainda os possibilitavam se chamarem de humano.

Capítulo II

Dickens definiu a cidade de Coketown (Preston) como sombria. As estruturas de suas casas e de suas ruas era o retrato fiel das pessoas que andam por elas: opacas, sem vida, existentes apenas para satisfazer o mínimo o qual eram destinadas, ou seja, servir de abrigo a uma alma que não possui esperança para nada.

A cidade na Era do vapor

“Na parte mais laboriosa de Coketown, nos últimos redutos dessa horrível cidadela, no coração do labirinto de pátios estreitos e apertadas vielas, nascidas aos pedaços, onde, dir-se-ia, que a Natureza não tivera licença para entrar, no meio da multidão de Coketown, vivia um certo Stephen Blackpool, de quarenta anos de idade”.⁴¹

Até o século XIX, as atividades dentro das cidades obedeciam a certo equilíbrio. O trabalho sempre fora visto como algo importante e o capitalismo tinha a grande proposta de dominar o mercado através das atividades econômicas. Para acompanhar o processo de mudança dos trabalhos manuais feitos em casa (resquícios dos tempos medievais) para os das indústrias em alta escala, as cidades foram transformadas em verdadeiras engrenagens que nunca paravam, sempre funcionando em todas as horas do dia, com suas chaminés e torres a expelir uma causticante fumaça.

Logicamente, com a desmedida produtividade das máquinas e das fábricas, o lixo e montes de detritos que se acumulavam eram de um número absurdo, ficando, muitas vezes, no meio do caminho “(...) *que o desaparecido (Stephen) caíra sobre um monte de detritos, que enchia esse poço*”.⁴² e também tornavam-se lugares perigosos, contaminados com grisu⁴³ e susceptível a intoxicações dos trabalhadores ou até das explosões das minas de carvão.; ao ponto de Dickens definir o grisu como o “*poço mais mortífero que uma batalha*”.⁴⁴

Segundo Lewis Mumford, historiador das cidades, entre 1820 e 1900 a destruição e a desordem no meio urbano foi devastadora. Dentro da atividade de se construir cidades, foram

⁴¹ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 50.

⁴² *Ibidem*, p. 148.

⁴³ *grisu*: Gás inflamável contido nas minas de carvão, e que encerra quantidades variáveis de metano.

⁴⁴ *Ibidem*, p. 149.

os banqueiros e industriais os responsáveis por quase todo o progresso e novo *design* que elas incorporam bem como suas mazelas e catástrofes que essa mesma urbanização acarretava. Para ele, “o industrialismo, a principal força criadora do século XIX, produziu o mais degradado ambiente urbano que o mundo jamais vira; na verdade, até mesmo os bairros das classes dominantes eram imundos e congestionados”.⁴⁵ A nova aglomeração urbana sustentava-se na extinção das guildas e na criação de um estado de insegurança constante para os trabalhadores; um mercado aberto e competitivo e os cuidados extras com relação às fontes estrangeiras de matéria-prima necessárias nas novas indústrias. A economia basear-se-ia na exploração das minas de carvão (coque), produção de ferro e no uso da máquina a vapor.

O principal fator, no entanto, que devemos perceber nesse período foi o formidável contingente de pessoas que migraram do campo para a área urbana e também o grande crescimento demográfico. A urbanização aumentou quase que proporcionalmente à industrialização (pelo menos na Inglaterra). Pessoas migravam de países economicamente mais pobres, o que ajudou na culminação de um sistema de agricultura mais diversificado. Foi dessa grande provisão de alimentos que pôde haver um aumento significativo na população. Aldeias se expandiam e se transformavam em cidades, cidades se transformavam em metrópoles. Os centros urbanos se reproduziam rapidamente e o número de cidades com população acima de quinhentos mil habitantes também aumentava.

No mapa abaixo podemos observar o crescimento absurdo que uma cidade industrial como Londres sofreu num pequeno espaço de 100 anos. (Fig. 14). Na região em rosa, vemos em 1600, Londres como um pequeno aglomerado rural limitado por florestas e bosques que cercavam a cidade. Já no contorno azul, referente a 1800, percebemos a grande expansão vivenciada pela cidade durante a primeira fase da Revolução Industrial. Na grande área cinza, que corresponde ao final do século XIX, a cidade se apresenta como algo gigantesco, tornando-se uma megalópole, através do agrupamento de outras grandes cidades vizinhas.

⁴⁵ MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

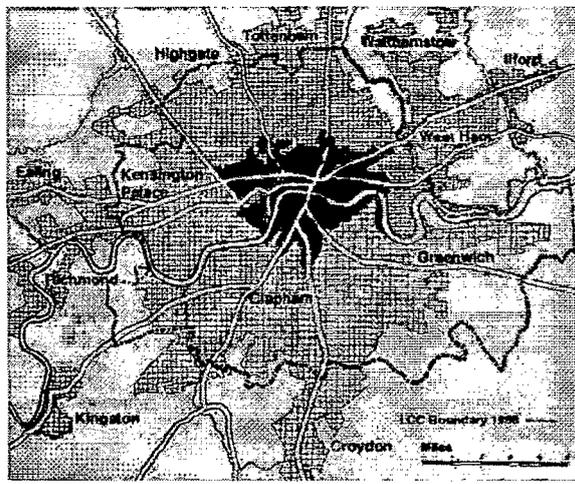


Fig. 14: Expansão da cidade de Londres.

Um grande exemplo de cidade industrial vitoriana foi Lancashire. A partir de 1750, essa cidade teve um surto industrial muito rápido. Já na metade do século XIX, o condado tornou-se a maior base industrial da Inglaterra. Como as recentes fábricas precisavam de mão-de-obra, grandes quantidade de pessoas migraram das áreas agrícolas de Lancashire para cidades como Manchester, Salford, Darwen, Blackburn, Burnley, Oldham, Rochdale, Accrington e Haslingden. Já na metade do século XIX, o algodão dominava toda essa região e a indústria têxtil tornava-se o principal tipo de indústria da Inglaterra. No final do século, sua produção excedeu 1 bilhão de quilos de algodão, contribuiu com 11% da economia do país e empregou por volta de 5% da população da Inglaterra.

Londres era um enorme centro industrial com outras características. Entretanto, diferentemente de Lancashire e Manchester, que era dominada pela indústria de algodão/têxtil, sua base industrial era bastante variada e indústrias individuais existiam em pequena escala, tais como roupas, mobiliário, instrumentos de precisão, impressão, curtume, engenharia, construção de navios, fábrica de bebidas, cerâmica, velas, todas elas facilmente viáveis através do trabalho barato. Por volta de 1861, aproximadamente 15% dos desempregados da indústria estavam concentrados em Londres.⁴⁶

Essas cidades inglesas podem ser caracterizadas naquilo que Mumford chamou de um novo complexo urbano formado por fábricas, estradas de ferro e cortiços.

A cidade de Coketown (Preston) era prática. Como dizia Dickens, era um “triumfo do real”; onde nada nela era visto como “que não fosse estritamente funcional”. A cidade era cheia, mas não cheia de vida e sim, lotada de fábricas, ruas, muros, carruagens: tudo parece

⁴⁶ HALL, P.G. *The Industries of London since 1861*, in *London 1808-1870, The Infernal Wen*, Fancis Sheppard, 1971

ter o seu lugar certo, menos o fator humano. Nessa Inglaterra fervilhante foi a angústia em querer se sentir como um indivíduo único frente a essas transformações nas relações sociais, que causava uma sensação incômoda, de não reconhecimento do outro, de estar no meio de pessoas estranhas, embora com mesmo ideal. Tudo isso, reflete na organização da cidade, no planejamento urbano e arquitetônico de um lugar.

Assim, uma cidade cinza, sem brilho, mergulhada numa fumaça permanente tem lugar a uma arquitetura na mesma proporção:

*"Era uma cidade de tijolo vermelho, ou antes, de tijolo que tinha sido vermelho, se a fumaça e as cinzas o tivessem consentido: mas tal como estava, era uma cidade de um vermelho e preto esquisitos, semelhante a cara pintada de um selvagem. Era uma cidade de máquinas altas chaminés, das quais saíam incessantemente serpentes intermináveis de fumaça, que jamais se desenroscavam. Tinha um canal negro e um rio manchado de roxo por tintas mal cheirosas e imensas pilhas de edifícios, cheios de janelas, onde todo o santo dia havia ruídos e estremecimento e onde os êmbolos das máquinas a vapor subiam e desciam melancolicamente, semelhante à cabeça de um elefante melancolicamente louco. Para essa gente, cada dia era igual ao anterior e ao seguinte e cada ano idêntico ao último e ao próximo."*⁴⁷

Mais de duzentos tipos de produtos químicos cancerígenos (cloro, monóxido de carbono, metano, flúor, etc.) eram lançados no ar, aumentando a ocorrência de doenças respiratórias tais como pneumonia, bronquite e asma e trazendo consigo um alto índice de mortalidade, principalmente entre as crianças. Esses problemas eram mais frequentes em cidades como St. Helens, Swansea e Sheffield onde o nocivo vapor matou plantas e animais e debilitou a saúde dos residentes. O governo entrou em ação com o Ato de Alkali, de 1874, no qual requeria dos industriais o uso dos melhores meios possíveis para controlar esses vapores. No entanto, em 1878, a Comissão Real concluiu que essa medida apenas era prática se não estivesse envolvido nenhum gasto destrutivo. A corte era muito clara em não penalizar os industriais por causarem incômodos com suas fumaças, pois justificava que se assim o fizesse o resultado seria a destruição de muitas cidades industriais. Mas o problema não se limitava apenas às indústrias: com o aumento do padrão de vida, mais pessoas queimavam carvão em suas lareiras, contribuindo para poluir ainda mais o ar.

O sistema a qual a Coketown fora construída estava bem à vista de qualquer pessoa que a observasse. As ruas e casas, que foram construídas rapidamente devido à expansão que acometia a cidade, eram organizadas do mesmo modo, uniformizadas no mesmo padrão,

⁴⁷ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 26.

diferente dos bairros que cresciam em Londres. As casas de Coketown, antes do surto do progresso, não passavam de casas de vilarejo, diminutas em seu tamanho. “*Ela foi descendo a rua escura, no seu passo sóbrio e feminino, até entrar numa das pequenas casas*”.⁴⁸, lembra Blackpool acerca da personagem Raquel em *Tempos Difíceis*.

Quaisquer que fossem as condições sociais da indústria doméstica e do trabalho antes da industrialização estavam quase destinadas a ficarem piores durante ela. Conforme analisa Mumford, a agricultura, sustentáculo da base econômica do passado, era uma atividade marcada pela tentativa de criar um equilíbrio com a natureza e as necessidades tanto naturais quanto sociais do homem. Na agricultura, tudo que se retira dela é replantado, bem cuidado, adubado, para que, num próximo ciclo, se usufrua novamente do labor que nela se empreende, contribuindo até mesmo para uma melhoria visual da paisagem. Já o processo de mineração, característico da sociedade industrial, era altamente destrutivo, não podendo ser cíclico (pois o material retirado de uma pedra não pode ser replantado ou recolocado), e se extinguindo tão rapidamente quanto era explorado. “*A mineração representa a própria imagem da descontinuidade humana, hoje presente, amanhã desaparecida, hoje febril por causa do lucro, amanhã esgotada e abandonada*”.⁴⁹

Nas cidades industriais que foram construídas sobre fundações antigas, os trabalhadores foram direcionados a morar, inicialmente pela transformação de velhas casas em alojamentos de aluguel, onde cada quarto abrigava toda uma família, onde camas se amontoavam e era praticamente impossível transitar ali dentro. O operário vivia mal. Sua casa era mal planejada e muitas vezes tinha apenas um cômodo. “*(...) quando não se dão bem, vivem em aposentos separados. Nós só temos um quarto e não podemos fazer isso*”, desabafa Stephen.⁵⁰ Outro tipo de moradia era uma padronização das condições terríveis em que os trabalhadores viviam: as novas casas eram feitas com materiais baratos e de pouca qualidade, sem alicerces fixados no solo. Os prédios não tinham um alicerce bom e sua estrutura não era segura “*(...) este edifício não é muito sólido e se continuar a falar muito é capaz de deitá-lo abaixo!*”⁵¹, advertiu Sr. Childers, personagem de *Tempos Difíceis*.

A aparência das casas também era pobre “*venha até os meus pobres alojamentos*”⁵² e seu interior condizia com o exterior. O operário tinha o mínimo para seu sustento, nada de luxos ou mobiliário extra. Tudo tinha sua função na casa e eram em pouco número “*(...) das*

⁴⁸ Ibidem, p. 52.

⁴⁹ MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

⁵⁰ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 58.

⁵¹ Ibidem, p. 34.

⁵² Ibidem, p. 98

poucas cadeiras, dos raros livros, das gravuras sem valor e da cama olhou para as duas mulheres e para Stephen”.⁵³ Contavam com chaminés “(...) dirigindo-se à chaminé a fim de pousar a vela”⁵⁴ e também lareiras “(...) estava tudo em ordem e, no seu lugar, o fogo fora renovado e a lareira varrida”.⁵⁵ Segundo Mumford, as casas em muitas cidades inglesas, como em Birmingham e Bradford, foram construídas com os seus colados um com o outro (Fig. 15). Essa prática resultava que muitos quartos não recebiam ventilação e nem iluminação adequadas, pois não possuíam espaços abertos, somente uma pequena passagem entre uma casa e outra, onde comumente eram despejados os lixos das casas. O lixo que era depositado entre as casas ficava ali até chegar ao mais alto estado de putrefação, tornando a situação tão insuportável, para que alguém viesse a removê-lo. Os quartos são escuros e úmidos facilitando a proliferação de bactérias, e conseqüentemente, uma rápida transmissão de doenças. Embora a latrina ficasse no porão das casas, muitas dessas residências possuíam chiqueiros que adentravam por debaixo delas, onde porcos e outros animais iam parar no meio da rua, contaminando tudo. O assento sanitário era artigo de luxo “em uma parte de Manchester, em 1843-44, as necessidades de mais de 7.000 habitantes eram atendidas apenas por 33 privadas – ou seja, um retrete para cada 212 pessoas”.⁵⁶



Fig. 15: Fundo das casas, colados um com o outro, em Staithe, região industrial de Yorkshire.

Muitos operários moravam em tabernas, não menos mal cuidadas do que as casas e de aparência até bem mais repugnante e mal iluminadas. Ao oferecer uma imagem desses lugares onde “algumas lâmpadas vermelhas foscas alumiam mal e mal”, Dickens reconhece o quanto era para o bolso do operário viver nesses lugares. “(...) em um quarto pequeno, pobremente mobiliado, tendo só uma cama”.⁵⁷ Infelizmente, esse julgamento só era admissível pela existência de condições ainda piores de moradia. Em muitas cidades, onde o

⁵³ Ibidem, p. 100.

⁵⁴ Ibidem, p. 53

⁵⁵ Ibidem, p. 61.

⁵⁶ MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

⁵⁷ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 30.

nível de urbanização não era tão grande, e muitas casas não havia sido construídas em número suficiente para abarcar tantos trabalhadores, muitas pessoas moravam em porões. Neles, a sujeira e porcaria (Fig. 16) eram tantas que outras misérias acompanharam esse triste quadro: populações crescentes de ratos que traziam a peste bubônica, percevejos que infestavam as camas, piolhos que espalhavam o tifo e moscas que pousam em todos os lugares: desde os retretes amplamente disputados até a comida das pessoas.



Fig. 16 – As novelas de Dickens retratam a sujeira das ruas vitorianas (1894)

As condições de água e esgoto também eram mínimas e a serem reunidas em grande quantidade num espaço limitado tornava-se catastrófico. Assim conforme comparou Hobsbawn “doze casas em más condições sanitárias na encosta da colina podem constituir uma aldeia pitoresca, mas mil e duzentas constituem em sério incômoda e doze mil uma praga e um horror”.⁵⁸ A inexistência de encanamento, a carência de água e a precária coleta de lixo nos municípios faziam com que esse panorama ficasse ainda mais terrível. A água era pouca e faltava constantemente, principalmente nas cidades industriais mais novas (não que o mesmo não acontecesse nas cidades maiores e mais antigas na industrialização). Os pobres, muitas vezes, saíam de casa em casa, nos bairros de classe média, a pedir um pouco de água. Não havia água para beber, muito menos para lavar, daí o estado de imundície em que tudo se encontrava. A sujeira das casas chegava a bairros tanto velhos quanto novos. O nível dela era tanto que nem mesmo podia ser comparado às condições precárias da vida medieval. Segundo Mumford, na cidade de Liverpool, uma sexta parte da população morava em adegas subterrâneas e em Londres havia cerca de 20.000 moradias de porão, caracterizadas pelos médicos como impróprias para a ocupação humana.

⁵⁸ HOBBSAWN, Eric. *Os trabalhadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

As aldeias estavam se transformando em cidades com grande rapidez e as melhorias no saneamento básico não acompanhavam a mesma velocidade. Com isso temos o surgimento de várias doenças epidêmicas, como o surto de cólera de 1830 (Fig. 17).



BLUE STAGE OF THE SPASMODIC CHOLERA.
Sketch of a Girl who died of Cholera in Sunderland, November, 1831.
Published by the Sunderland Museum.

Sunderland Museum
ONE OF THE FIRST CHOLERA VICTIMS IN GREAT BRITAIN. A GIRL WHO
DIED OF CHOLERA IN SUNDERLAND, NOVEMBER, 1831

Fig.17 – Uma das primeiras vítimas do cólera na Grã Bretanha. Uma garota que morreu de cólera em Sunderland, Novembro, 1831. Sunderland Museum, from King Cholera: Norman Longmate (1966).

No outono de 1831, ocorreu o primeiro surto de cólera em Sunderland (litoral norte da Inglaterra). Outras cidades também apresentaram o cólera e foram isoladas por tropas de polícia e postas em quarentena, medidas essas impostas principalmente nos navios que aportavam vindos do norte. Apesar das medidas tomadas, por volta de 10 fevereiro do ano seguinte, o cólera apareceu em Rotherhithe e se espalhou às margens do Tamisa. As condições imundas em que as pessoas viviam só colaboraram para a rápida expansão da doença. A contaminação através das moscas que havia estado em contato com excrementos humanos, ou o próprio contato direto com esses era inevitável, mas a pior fonte de contágio era a água contaminada. O cólera atacava rapidamente e muitas pessoas morriam em questões de horas ou poucos dias com fortes diarréias e dor violenta. A água nas ruas estava contaminada. O mais assustador é que, no início, as pessoas não entendiam que era o fluxo de água que espalhava a doença, e a doença aparecia em várias cidades ao mesmo tempo. Em Manchester, como em qualquer outro lugar, era comum jogar os esgotos nos rios.

(Fig. 18)

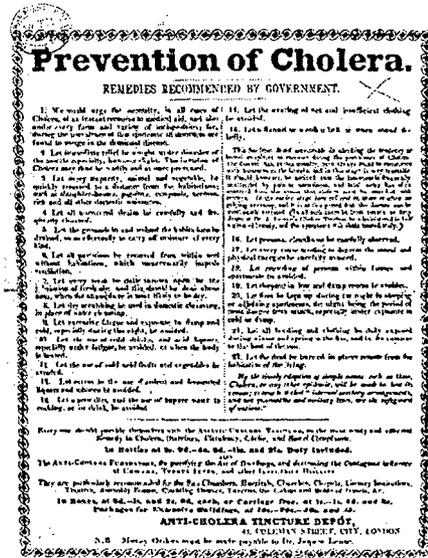
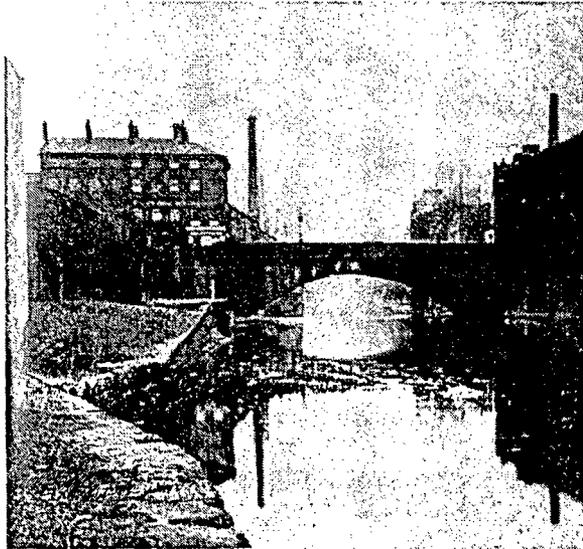


Fig. 18: Rio Irwell, em Manchester, fluindo por debaixo da Regent Road. A espuma sob a água é consequência dos rios serem usados como esgotos. Manchester Public Libraries, from *The Victorian City, Images and Realities*, Dyos and Wolff (1973). E Poster colocado em Londres em 1848, durante o segundo surto de cólera.

Apesar dos mais pobres correrem um perigo maior, a classe média também não estava fora do perigo, pois a contaminação era feita principalmente pelo fluxo corrente da água, que era servida em vários bairros da cidade. Dickens em sua obra *Oliver Twist*, reflete acerca dessa situação:

*"Estou convencido de que nada efetivamente pode ser feito para elevar a condição de vida do pobre na Inglaterra até que moradias decentes sejam construídas. Esta reforma deve preceder todas as outras reformas sociais, sem isso, as classes de pessoas famintas iram aumentar e ficarão tão desesperadas e miseráveis, que irão carregar consigo as sementes da ruína para toda a comunidade".*⁵⁹

⁵⁹ DICKENS; Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.

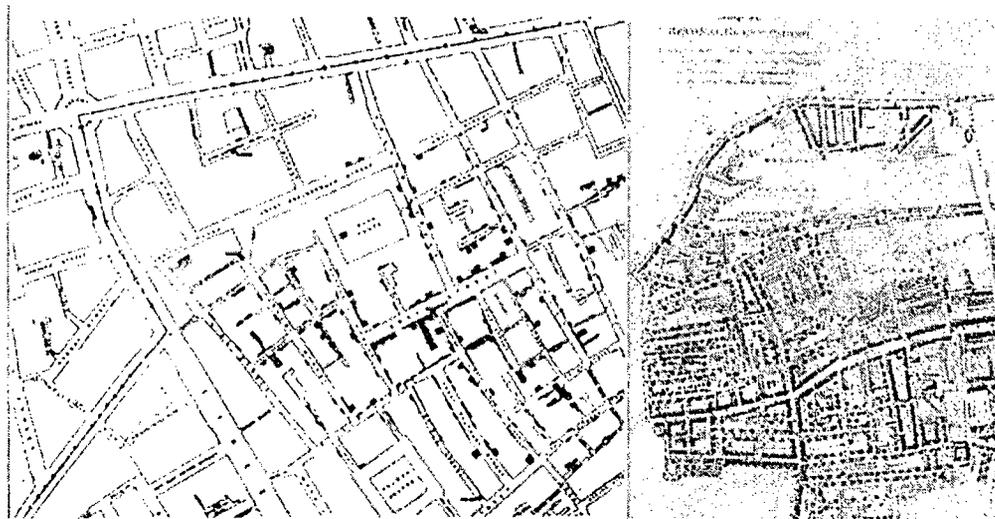


Fig. 19: Mortes de cólera na Broad Street, Golden Square, Londres e vizinhanças, 19 de agosto a 30 de setembro de 1854. The Wellcome Foundation, from King Cholera, Norman Longmate (1966) (esquerda). Bethnal Green Parish, East London (direita). A mortalidade durante o ano terminou em 31/12/1838. Os pontos pretos marcam as ruas onde cinco ou mais mortes ocorreram a partir de doenças contagiosas e epidêmicas, doenças do cérebro e nervos, doenças dos pulmões e doenças dos órgãos digestivos. The Victorian City; Images and Realities, Dyos and Wolff (1973)

Devido às condições de moradia serem tão precárias, o estado de sujeira das casas era inacreditável e a degradação física entre os pobres era terrível. A degradação dos trabalhadores não só assolou o lugar onde moravam e trabalhavam, mas também se propagou para outras regiões da cidade e, com isso, ocasionou o aumento de doenças contagiosas (Fig. 19). Os rios eram transformados em esgotos e zonas portuárias podiam tornar-se inacessíveis para o transeunte. Essa total pobreza transformou o ambiente e também acarretou modificações nos corpos dos indivíduos: crianças eram raquíticas (pois não tomavam sol), pessoas nasciam com deformidade nos ossos e órgãos, contraíam doenças epidérmicas devido à falta de higiene; e também contraíam varíola, febre tifóide, infecções generalizadas na garganta ocasionadas por germes devido a inalação da sujeira dos excrementos; tuberculose, escarlatina, etc. Tais doenças eram mais comumente encontradas em crianças. Sarampo e difteria eram sérias doenças que as acometia. Com a chegada da vacinação, a varíola tornou-se menos fatal. Em 1840 houve a primeira vacinação em massa e em 1853, a vacinação obrigatória já englobava bebês a partir dos três meses de vida. Poucos anos mais tarde, um ato de 1871 punia os pais que não vacinassem seus filhos com penas pecuniárias ou até mesmo prisão. A vacinação teve maior aceitação entre as classes de melhor condição financeira. Era difícil que os pais trabalhadores e pobres vacinassem seus filhos e, mais tarde, tais doenças ficaram sendo conhecidas como “as doenças das classes menos favorecidas”. Poucos remédios existiam para as crianças da classe trabalhadora pobres. Devido aos altos preços dos cuidados médicos, os pais somente consideravam adquirir remédios em situações extremas.

Muitos trabalhadores tinham remédios feitos a base de ervas em suas casas e nas pequenas cidades, a figura do médico ainda era representada pela (o) “curandeira (o)” local.⁶⁰

Apesar dos contínuos problemas das moradias pobres, suas condições começaram a melhorar a partir de 1870 com a construção de casas novas e mais saudáveis. O ato público de saúde de 1875 requeria que autoridades locais melhorassem suas regulamentações ou fizessem leis suplementares que insistissem na prerrogativa de que cada casa tivesse seu próprio controle de água e saneamento. A mudança no design das casas complementou o investimento público em esgotos e suplementos e água. Ao mesmo tempo, o salário dos trabalhadores teve um significativo aumento. Em 1873, o preço dos alimentos baixou por causa das importações feitas depois do Atlântico, e muito do dinheiro economizado em alimentar a família foi empregado na melhoria das casas.

Mesmo com todo o problema da sujeira e falta de água nas cidades, havia outro inconveniente com que as pessoas tinham que lidar no seu dia-a-dia: as ruas cheias. Os serviços industriais foram concentrados em Londres. O serviço cívico, o exército, as leis, a medicina e todas as outras profissões. Em 1861 havia cerca de 3000 trabalhadores de fazendas e pastores em Londres. Era bastante comum ver representações de ovelhas e gado serem transportados pelas ruas, competindo com o tráfego de rodas (Fig. 20) Londres era uma enorme potência econômica e ao contrário das cidades do norte, como Manchester, ela exportava pouco.⁶¹



Fig.20: Conduzir animais domésticos nas ruas pioravam o congestionamento em Londres. Em 1867, essa prática foi proibida entre as 10 da manhã e as 19h. *Illustrated London News* (1864), *The London Doré Saw*, Eric de Maré (1973).

⁶⁰ HOPKINS, Eric. *Childhood Transformed: Working Class Children in Nineteenth-Century England*. New York: Manchester University Press, 1994.

⁶¹ SHEPPARD, Francis. *London 1808-1870, The Infernal Wen*, 1871

A iluminação das casas era feita com velas “(...) acompanharam a pequena por uma escada muito a pique, em caracol, e pararam no escuro, enquanto ela procurava uma vela”.

⁶² Mesmo as pensões ou casas que ficavam em cima de lojas ou bancos, não possuíam lâmpadas próprias para a sua iluminação “sua casa, (...) ficava sobre uma pequena loja. Pegou numa prateleira o seu côto de vela, acendeu-o noutra côto de vela colocado no balcão. sem perturbar a dona da loja, que dormia no seu pequeno quarto e subiu para o seu alojamento”⁶³.

A iluminação pública já existia, mas era feita por lampiões “(...) sentadas as duas no seu quarto, alumado pelo candeeiro da esquina da rua”.⁶⁴ Aliás, o gás usado para a iluminação foi um grande contribuinte para a propagação da poluição nas cidades carboníferas.

Na verdade, as grandes cidades não conseguiam cumprir com a promessa de prover as necessidades básicas da vida, tais como a luz e o ar muitas vezes encontrados em pequenas aldeias, “até 1838, nem Birmingham nem Manchester funcionaram sequer politicamente como burgos autômatos: eram montes de homens, parque, máquinas, e não meios de associação humana, tendo em vista a promoção de uma vida melhor”.⁶⁵

A cidade de Coketown começava não com o raiar do sol, mas com a sirene das fábricas. Eram elas que davam a noção de tempo do lugar. “(...) as sinetas tocavam a anunciar o começo do trabalho da manhã”.⁶⁶ A cidade era tão cinza e impregnada com uma fumaça contínua que muitas pessoas tinham que sair dela para poder respirar um ar um pouco menos poluído. Dickens parece testemunhar a natureza dessas migrações costumeiras:

“Como Coketown não se contentava em cobrir de cinzas a própria cabeça, mas as espalhava também por toda a vizinhança, era costume de quem desejava, de quando em quando, um pouco de ar fresco, tomar o trem, afastar-se alguns quilômetros da cidade e começar, então, o seu passeio pelos campos”.⁶⁷

O ar era impregnado com tantos resíduos químicos, que há muito não se sabia o que era um ar sem cheiro fétido e de odor agradável. Havia gerações inteiras de pessoas que desconheciam tal sensação agradável, e cheiravam o dia inteiro, a fumaça mortificante das fábricas.

As ruas não fugiam muito do traçado medieval, cheias de becos e quelhas como aquelas “muitas vielas mal iluminadas”⁶⁸ do bairro onde morava a pobre Raquel. O novo

⁶² DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 31.

⁶³ *Ibidem*, p. 52.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 141.

⁶⁵ MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.

⁶⁶ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*. São Paulo: CDL, 1969. p. 105.

⁶⁷ *Ibidem*, p. 145.

planejamento das cidades não atende aos anseios de conforto das pessoas, mas à uma tentativa de propiciar uma melhor recepção aos novos negócios. Os projetos das ruas eram dispendiosos e cheios de imperfeições. As ruas de tráfego eram muito estreitas e as ruas de vizinhança eram muito largas para apenas pessoas passarem por elas.

As fábricas faziam parte da paisagem da cidade. Era o novo organismo urbano, onde todo o mais dependia dela. Tinham torres altas e paredes que deixavam um ar muito mais sombrio à cidade “*os edifícios tornaram-se escuros, dentro da escuridão, as suas altas chaminés levantavam-se no ar, semelhantes às Torres de Babel*”.⁶⁹ Serviços básicos como o suprimento de água, necessários à existência de uma cidade, se não haviam sido construídos pelas pessoas anteriormente, só iriam aparecer mais tarde, com a exigência a que a própria vida nas fábricas clamava. Com a fábrica sempre ficavam os melhores lugares: perto de rios, pois necessitavam de grandes quantidades de água para abastecer caldeiras, resfriar máquinas. etc., e também para servir de repositório aos detritos. Assim um fator muito característico das Coketowns foi o de transformar rios em esgotos a céu aberto, envenenando e matando a vida aquática, além de inutilizar a mesma água para consumo humano e para banhos.

As fábricas geralmente se situavam perto dos rios, bem como as estradas de ferro que corriam paralelamente (salvo algumas exceções), pois era a competição que determinava sua localização. Não havia uma fiscalização ou lei que exigisse que essas fábricas barulhentas e imundas ficassem em certos lugares, aglomeradas, a fim de não adentrarem no espaço residencial da população e para que esta não tivesse um contato tão próximo com seus despejos. Os espaços destinados às moradias muitas vezes eram os espaços que sobravam entre pátios de fábricas ou galpões. As casas eram construídas perto de usinas siderúrgicas, fábricas de tintas e têxteis e acompanhavam o ruído das mesmas.

O lado mais iluminado da cidade era a iluminação que vinha das fábricas. As casas não recebiam tanta iluminação e os trabalhadores também não faziam tanta questão. As máquinas e fábricas recebiam mais infra-estrutura e comodidade que os próprios trabalhadores que ali iam todos os dias para mais um dia de labor. Essa iluminação exagerada das fábricas tinha um propósito. Elas iluminavam a obra do homem, a parte da cidade que significava progresso, o avanço, a tecnologia. Era necessário, que mesmo os que viam as fábricas de longe, pudessem vê-las até mesmo durante a noite “*as luzes das grandes fábricas*

⁶⁸ *Ibidem*, p. 52.

⁶⁹ *Ibidem*, p. 60.

que pareciam, quando iluminadas, palácios de fadas – pelo menos é o que diziam os viajantes, que passavam nos trens rápidos (...)”.⁷⁰

O transporte mais usado pelos operários era o trem, sendo que sua estação ficava afastada da cidade “a estação da estrada de ferro, bastante antiga, ficava no extremo oposto da cidade”.⁷¹ comenta Dickens em *Tempos Difíceis*. O transporte ferroviário se apropriou de grandes lotes de terreno perto do centro da cidade e direcionou a sujeira e o barulho para as cercanias residenciais. A ferrovia tinha permissão de se instalar no centro da cidade e criar pátios ferroviários em seu núcleo, levando barulho e imundície para todos os lados da cidade.

A arquitetura da cidade não era elaborada e parecia ser um surto de falta de imaginação e boa vontade. Nada era inovador nesse campo e praticamente tudo se copiava. Mesmo as construções públicas tinham a mesma estrutura e fachadas “exceção solitária era a Igreja Nova, todas as inscrições públicas da cidade eram iguais, pintadas em caracteres severos pretos e brancos. A prisão poderia ter sido o hospital e o hospital a prisão ou as duas coisas ao mesmo tempo, ou qualquer outra coisa, graças à sua construção”.⁷²

Olhando de longe, Coketown mais parecia uma escuridão (devido à fumaça) no meio da paisagem natural do que propriamente uma cidade:

“Você só sabia que a cidade estava ali porque era evidente que não poderia haver uma tal mancha escura na paisagem sem que houvesse uma cidade. Uma borra de fuligem e fumaça, agora confusamente tendendo para um lado, e logo para o outro, agora tentando chegar ao céu, e agora arrastando-se sombriamente pelo chão, de acordo com as direções do vento: uma desordem densa e sem forma, atravessada por lâminas d luz oblíquas que não mostravam nada além de massas de escuridão; Coketown à distância sugeria a si própria, mesmo que nem um de seus tijolos pudesse ser visto”.⁷³

Laços Familiares

As relações sociais também obedeciam a uma regra. Diferentes posições sociais não se misturam mesmo as pessoas tendo sido criadas juntas e morando na mesma casa. Assim Dickens constrói essas distinções nas relações através do convívio entre Sissy e Luísa “até então, as duas pequenas pouco haviam comunicado entre si, devido à proibição do passado de Sissy. Por esse motivo, as duas eram quase estranhas uma à outra”.⁷⁴ A ascensão social era possível e também era motivo de orgulho para aqueles que conseguiam ascender na

⁷⁰ Ibidem, p. 50.

⁷¹ Ibidem, p. 117.

⁷² Ibidem, p. 27.

⁷³ DICKENS, Charles. *Hard Times*. New York: New American Library, 1961.

⁷⁴ Ibidem, p. 45

pirâmide social “*vagabundo, moço de recados, operário, porteiro, escriturário, chefe de escritório, pequeno sócio, Josias Bounderby, de Coketown. Tais são os antecedentes e a conclusão.*”.⁷⁵ Também era motivo de orgulho de terem chegado ao topo, pelo próprio mérito, pelo próprio esforço “*homem que nunca se mostrava cansado de gabar-se que se havia feito por si próprio. Homem que proclamava, constantemente, através de sua voz de trombeta, a sua antiga ignorância e pobreza*”.⁷⁶

Na realidade essas pessoas (os trabalhadores) não chegam a relacionar e passavam nas ruas, umas pelas outras, como total desconhecidos, apenas dirigindo palavras umas às outras e nunca conversando; “*em autodescrições fixas, as personagens falam alto e com ênfase, para serem ouvidas em meio a outras vozes semelhantes*”.⁷⁷

Segundo Williams, os habitantes mais visíveis da cidade eram, na era industrial, os prédios, daí a confusão que se estabelecia na aparência, na forma e no relacionamento entre as pessoas. Não havia uma diferença entre a casa/cidade e a vida das pessoas que viviam dentro delas.

Com relação ao matrimônio, pessoas pobres casavam com pessoas da mesma idade “*eu tinha vinte e um anos e ela quase vinte*”⁷⁸, coisa que não acontecia entre os burgueses. O divórcio entre os trabalhadores era algo praticamente impossível. Implicava em muito dinheiro e a própria lei não amparava esse direito. A lei existia, mas custava muito caro pois para se divorciar “*tinhas de instaurar um processo no Tribunal Comum, tinhas de instaurar outro no Tribunal da Relação a ainda outro na Câmara dos Lordes; tinhas de conseguir um decreto do parlamento, autorizando-te a casar outra vez. Tudo isso te custava, caso não surgissem dificuldades, mil a mil e quinhentas libras, calculo eu, ou talvez o dobro*”⁷⁹, quantia essa inimaginável para um operário da era vitoriana.

A hierarquia social era bem marcada na sociedade vitoriana “*as pessoas de sua condição não nos conhecem, não se importam conosco, não nos pertencem*”.⁸⁰ Os empregados que moravam nas casas dos patrões e que ocupavam um posto maior na hierarquia da criadagem, como governantas e pajens, também tinham sua influência no ambiente doméstico até mesmo nas discussões dos problemas familiares ou no caminhar das relações dos patrões com os operários “*sabes que ficas sabendo que esta senhora é de alta posição. Não julgues que por ser minha governanta não teve já um alto lugar na sociedade!*

⁷⁵ Ibidem, p. 22.

⁷⁶ Ibidem, p. 20.

⁷⁷ WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

⁷⁸ Ibidem, p. 57.

⁷⁹ Ibidem, p. 59.

⁸⁰ Ibidem, p. 138.

*Por isso, se tiveres alguma coisa a dizer que não possa ser ouvida por uma senhora distinta, esta senhora sairá daqui. Se o que tens a dizer pode ser ouvido por uma senhora distinta, ela ficará onde está”.*⁸¹

A distinção social não se fazia apenas dentro de casa ou pelo simples fato de ocuparem um lugar no decorrer de suas tarefas diárias. A ação era um fator muito importante. Aonde se vai, o que se come, o que se veste, tudo isso denotava e demarcava as fronteiras entre o trabalhador servil e a burguesia. Certos lugares não eram freqüentados por pessoas de ascendência mais abonada “*nenhum menino distinto possui circos em gabinetes ou assiste a conferência acerca de circos*”.⁸²

A ambição em galgar degraus mais altos na escala social não competia apenas aos trabalhadores, mas também àqueles que já tem uma posição melhor como secretários ou porteiros. Em um misto de ambição e suborno, também era possível ascender socialmente, e não apenas pelo esforço do próprio trabalho:

“desde o começo suspeitei que o seu filho fosse o autor do roubo do banco (...) guardei para mim as minhas observações, mas hoje tenho contra ele provas suficientes, além da fuga e da confissão que ainda cheguei a tempo de ouvir. Vou levar o jovem Tom para Coketown, a fim de entregá-lo ao sr. Bounderby, pois não tenho dúvida de que ele me promoverá na vaga do sr. Tom. E eu ambiciono o lugar que ele ocupava, o que para mim será de bom proveito. (...) Agradeço-lhe a proposta mas não a troco por dinheiro algum. Já previa que o seu espírito prático me proporia semelhante alternativa e conseqüentemente já fiz os meus cálculos. Cheguei à conclusão de que será mais vantajoso para mim melhorar de situação no Banco do que vender o meu segredo”.

83

Conforme nos lembra Dickens, os crimes e contravenções parecem ter sido um grande meio de ascensão da cidade de Coketown.

⁸¹ Ibidem, p. 56.

⁸² Ibidem, p. 23.

⁸³ Ibidem, p. 155.

Capítulo III

As classes sociais eram bem definidas na Inglaterra vitoriana: pobres cada vez mais pobres de um lado e ricos do outro. Uma vez que já em 1851, Londres e muitas cidades inglesas estavam industrializadas quase que em sua totalidade, o novo papel do homem inglês foi se tornar o novo *civis romanus*⁸⁴, a representação máxima da presunção e da altivez.

A burguesia: reis e damas de ferro

*"(...) E se o "fidalgo" não achasse que era pedir demais, podia oferecer um jantar à companhia a três xelins, por cabeça, sem contar o cão. Todos ficariam muito contentes".*⁸⁵

Para a sociedade vitoriana, o trabalho tinha uma importância fundamental, bem como uma moral alicerçada em costumes que regravam a vida burguesa do século XIX.

A sociedade inglesa era uma sociedade indiferente e insensível, tomada pelo progresso da máquina e insistente no ato de esquecer o valor humano *"ele deixou-a tombar a seus pés e, assim, insensível, contemplou aquela que era o orgulho do seu coração e o triunfo do sistema de filosofia"*⁸⁶. A dureza das ações era explicada através da tentativa de "fabricar" indivíduos mais fortes, sem sentimentalismo e prontos para não serem pegos de surpresa por nenhum acontecimento, uma vez que agem durante todo o tempo controlando seus instintos. Uma sociedade eminentemente prática, sempre em busca de fatos, não possui elementos para perceber, compreender e avaliar os sentimentos de outras pessoas que partilhavam da mesma esfera social. Uma educação rígida, no sistema de planos, número, resultados exatos e precisos não tinha a habilidade de chegar ao coração de ninguém; como podemos ver na fala da personagem Tomas Gradgrind:

⁸⁴ CHARLOT, Mônica e MARX, Roland. *A cidade "dual" por excelência* In: _____. *Londres, 1851 – 1901*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993.

⁸⁵ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis* p. 157.

⁸⁶ *Ibidem*, p. 123.

"- Bem, o que eu quero são Fatos. Ensine a estes rapazes e a estas meninas uma coisa apenas: Fatos. Na vida, só precisamos de fatos. Não plante outra coisa e arranque fora tudo o mais. Só é possível formar os espíritos de animais racionais com Fatos; fora disso, coisa alguma lhes será de utilidade. É sobre este princípio que educo os meus filhos e também será nesta base que devem ser educadas estas crianças. Cinja-se aos Fatos, senhor!".⁸⁷

A mulher vitoriana e burguesa vivia numa prisão sem muros. Seu cárcere era seu coração duro e sem sentimentos que nem mesmo acontecimentos chocantes podem fazê-lo manifestar algum tipo de vida " (...) onde estão as graças da minha alma? Onde estão os sentimentos do meu coração? Que fez, papai, que fez o senhor do jardim que devia ter florido aqui, neste enorme deserto"⁸⁸, pergunta a jovem Luísa a seu pai, acerca de seu casamento sem amor com um homem muito mais velho.

As transformações da Inglaterra numa nação industrial provocaram profundas transformações no modo como as mulheres eram idealizadas. Contudo, as esferas de atuação do homem e da mulher na sociedade estavam bem definidas: homens deveriam ocupar o campo público e mulher o campo doméstico. A era vitoriana era caracterizada como sendo uma era doméstica por excelência, mistificada pela imagem da própria Rainha Vitória que representava um certo tipo de feminilidade centrada na maternidade, família e respeito. A própria rainha tornou-se um ícone representativo do casamento estável e da virtude doméstica. Seu próprio casamento com o príncipe Albert representava um ideal de harmonia matrimonial e de como a vida privada pode ser aconchegante quando esses papéis definidos eram atuados confortavelmente "o papel (...) era tradicionalmente o de guardiã dos bons costumes, da tradição e do ritual familiar".⁸⁹

Num relatório do Lord Ashley de 1842, ele fazia uma crítica à empregabilidade das mulheres e descreveu o que acontecia nas famílias das esposas que trabalham fora:

"Agora os efeitos do sistema sobre as mulheres: isso causa uma total ignorância acerca das responsabilidades domésticas; elas não sabem nada do que deveriam saber; há retribuições impróprias p/ mulheres que trabalham, tornando-se totalmente desmoralizadas. Nos homens, os efeitos do sistema na moral são muito tristes, mas nas mulheres eles são infinitamente piores, não apenas para elas, mas para suas famílias, para a sociedade e, posso até acrescentar, para todo o país. É ruim o bastante corromper um homem, mas se você corrompe uma mulher, você envenena as águas da vida da própria fonte. Senhor, parece-me que todas elas são inteiramente desqualificadas até mesmo para aprenderem como se libertar das obrigações de esposa e mãe." (Foto 21)⁹⁰

⁸⁷ Ibidem, p. 11.

⁸⁸ Ibidem, p. 120.

⁸⁹ LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças e operários* In: CAVALLO, Guglielmo, CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.

⁹⁰ *The National Archives*, (Catalogue ref: ZHC 2/79, p.1335)

But now mark the effect of the system on women: it causes a total ignorance of all domestic duties; they know nothing that they ought to know; they are rendered unfit for the duties of women by overwork, and become utterly demoralized. In the male the moral effects of the system are very sad, but in the female they are infinitely worse, not alone upon themselves, but upon their families, upon society, and, I may add, upon the country itself. It is bad enough if you corrupt the man, but if you corrupt the woman, you poison the waters of life at the very fountain. Sir, it appears that they are wholly disqualified from even learning how to discharge the duties of wife and mother.

Fig. 21: Relatório do Lord Ashley acerca do trabalho feminino.

A consequência da idéia de se achar que mulheres eram essencialmente esposas e mães foi que elas eram vistas como totais dependentes dos homens, tanto seus pais quanto seus maridos. Até o final do século XIX, tudo o que uma mulher casada possuía, passava para as mãos do marido. Nas esferas mais altas da sociedade, casamentos eram arranjados e os nubentes tinham uma diferença de idade enorme. Conforme descreve Dickens sobre a relação entre o Sr. Bounderby e a senhorita Luísa “*ora, nesse caso, quais são as realidades? Tu tens, números redondos, vinte anos de idade. O Sr. Bounderby tem, diremos igualmente em número redondos, cinqüenta*”.⁹¹ A idade não importava tanto, uma vez que o principal ingrediente era permanecer na mesma escala social: “*(...) há, de fato, uma tal ou qual disparidade nas idades, mas nenhuma nos vossos meios e na vossa posição social; pelo contrário, ajustam-se perfeitamente*”⁹². Uma elevada percentagem de casamentos na Inglaterra entre burgueses se realizava entre cônjuges de idades desiguais, sendo, geralmente, o noivo o mais velho do casal. O amor parece ser o requisito menos importante para que o casamento vitoriano aconteça: “*Pai, o senhor julga que eu amo o Sr. Bounderby?*”⁹³, pergunta resignada, Luísa.

O lar vitoriano era considerado como paraíso se comparado ao mundo caótico dos negócios, da política e da imundície das fábricas. Aqueles que pudessem se permitir ao luxo de decorar as casas com mobiliário adequado, cortinas e tapeçarias, criavam um mundo à parte do que estava acontecendo lá fora, como se vivessem dentro de um casulo. A vida doméstica das classes médias tinham concreta expressão da domesticidade na forma de

⁹¹ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*, p. 70.

⁹² *Ibidem*, p. 70.

⁹³ *Ibidem*, p. 69.

criados, mobiliário, decoração, entretenimento e roupas. No século XIX, as roupas das mulheres tornaram-se mais sensuais: os quadris, as nádegas e os seios eram exagerados em seu tamanho através do uso de espartilhos, anáguas e cintas. O corpo da burguesa era vestido com a finalidade de acentuar a separação de seu mundo do mundo da mulher que trabalha (operária). Ao vestir pesados vestidos que se assemelhavam com o interior de suas casas, as vitorianas se tornaram as manequins ambulantes de suas funções sociais: mãe, administradora do lar e condutora de crianças. As roupas não serviam apenas para assinalar suas funções ou identificá-las socialmente, mas principalmente em contê-las fisicamente de fazer suas atividades. Era muito difícil fazer qualquer coisa usando apertados espartilhos e anáguas que impediam uma respiração saudável ou se mover com liberdade, usando pesados tecidos. (Fig. 22)



Fig. 22. Anáguas. Paris, Bibliothèque Nationale, Cabinet des Estampes, from *A History of Costume in the West*, François Boucher (1979)

Não só o vestuário era usado para marcar uma posição social “O Sr. Bounderby atirou o chapéu para a cabeça, coisa que sempre fazia como que para mostrar que era um homem demasiadamente ocupado”⁹⁴, mas também os hábitos da leitura. A mulher burguesa lê, mas a imagem da mulher que lia apenas por motivações religiosas estava cada dia mais longe de ser realidade. “As novas leitoras do século XIX, contudo, tinham gostos mais mundanos, e novas formas de literatura foram concebidas para seu uso. Entre os gêneros destinados a esse novo mercado de leitoras havia livros de cozinha, revistas e, sobretudo, o romance popular barato”.⁹⁵ A leitora, sobretudo, consumia ferozmente os romances, sendo o principal alvo

⁹⁴ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis* p. 25.

⁹⁵ LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX: mulheres, crianças e operários*. In: CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*.

desse tipo de ficção romântica e popular. Os jornais com acontecimentos do cotidiano e informações sobre política e economia eram leituras masculinas; os romances tratavam da vida interior, privada, e esse era o campo que as mulheres conheciam muito bem. Mais tarde, a literatura romântica foi considerada a responsável por incitar as mulheres ao adultério. Ao ameaçar a castidade das mulheres e a honra dos homens a partir de idéias pré-concebidas, “o romance do século XIX era, pois, associado com as (supostas) características femininas de irracionalidade e de vulnerabilidade emocional”.⁹⁶ Caso clássico na literatura foi o de Emma Bovary que se queixou do marasmo que assolava seus dias “*Que tédio!*”⁹⁷ e, para preenchê-lo com alegria, se entregou à casos amorosos, até culminar com um final trágico. O alerta a uma conduta frívola não passou despercebido: leituras que influenciavam meninas e mulheres a terem uma conduta pernicioso deveriam ser evitadas, pois o final era sempre trágico, triste e solitário.

Os hábitos alimentares dos burgueses eram bem diversificados “o Sr. Bounderby almoçava costeletas e tomava vinho Xerez”⁹⁸ e exóticos “eu teria muito prazer em que ele viesse partilhar comigo umas costeletas de carneiro e doce de amêndoas, com cerveja da Índia”⁹⁹. Um dado interessante era a conduta com relação ao ato de comer. Na vida burguesa, tal ato não era tão bem visto e chegava a ser até de mau tom quando mencionado. “fazia parte da dignidade e do serviço da Sra. Sparsit não almoçar. Superintendia oficialmente à refeição, mas dava a entender que considerava o almoço uma fraqueza para pessoa tão majestosa, como a Sra. Sparsit se julgava”¹⁰⁰. Comer era um ato vulgar e uma fraqueza, um ato inferior, uma ação quase plebéia. A justificativa máxima seria o apego exagerado à higiene e à sustentação de manter tudo absolutamente limpo, e comer, quebraria esse balanço, essa tentativa de equilibrar o interior com o exterior: o limpo do lado de fora também tinha que ser o limpo do lado de dentro. Charlotte Brontë, escritora inglesa (1816-1855), também retratou essa questão em seu livro “*O Professor*”, numa cena onde a autora, que se encontrava lecionando num internato da Bélgica, lembrava-se a certa hora da tarde de que não havia almoçado: “esquecera-se dessa coisa vulgar, que é comer”¹⁰¹.

A higiene era tão arduamente perseguida que fazia parte do ensino nas escolas vitorianas. A limpeza era fundamental para distinguir as crianças da classe média das

⁹⁵ LYONS, Martyn. *Os novos leitores no século XIX*: São Paulo: Ática, 1999.

⁹⁶ *Ibidem*, p. 172.

⁹⁷ FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. 12 ed. Rio de Janeiro: Ediouro. s.d.

⁹⁸ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*, p. 54.

⁹⁹ *Ibidem*, p. 116.

¹⁰⁰ *Ibidem*, p. 54.

¹⁰¹ BRONTË, Charlotte. *The professor*. London: Penguin Books, 1994

trabalhadoras das minas. Com isso, uma fixação pela roupa mais limpa e aparência mais perto da pureza eram arduamente perseguidos. Em outro romance de Charlotte Brontë, *Jane Eyre*, as meninas ensinadas na rigorosa instituição de Lowood, eram direcionadas a fazerem as tarefas do dia-a-dia, através das severas ações do Sr. Brocklehurst, com uma premissa em mente: *Cleanliness is next to godliness* (a limpeza está próxima da santidade) ¹⁰²

Realmente essa tentativa de manter tudo alvo e brilhante se estendia realmente ao ensino vitoriano, como podemos ver na escrita de uma criança num quadro-negro escolar (Fig. 23).

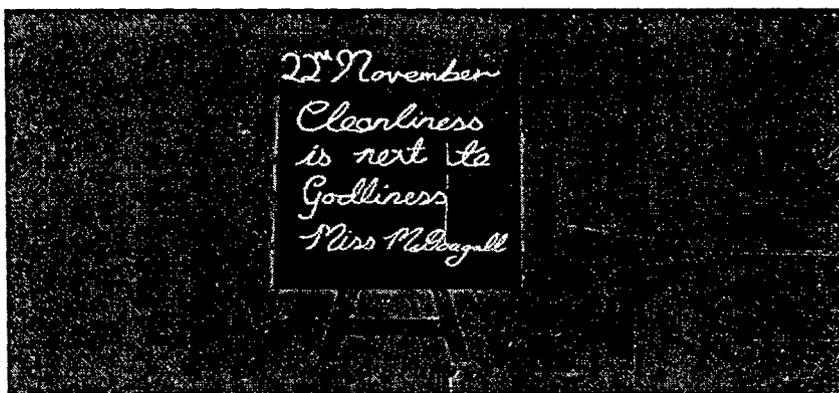


Fig. 23: Quadro negro de uma escola vitoriana.

A educação das crianças já era feita mesmo antes delas irem para a escola. As governantas faziam o papel de tutoras, ensinando múltiplas disciplinas em casa, tais como: grego, aritmética, espanhol, francês, italiano, geografia, música e elementos de ciência natural. “notei também que os irmãos Murdstone falavam várias vezes em mandar-me para um colégio interno, o que me fez acreditar que aquilo já estava decidido. Enquanto não concretizavam a idéia, davam-me lições em casa”¹⁰³, comenta David Copperfield sobre sua educação. Embora a governanta tivesse que ter a educação e modos de uma *lady*, ela era tratada como uma serviçal, principalmente pelos outros criados da casa, que não viam com bons olhos o grau de intimidade que alcançavam com os donos das casas (Fig. 24).

¹⁰² BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*, Rio de Janeiro: Ediouro, 1964.

¹⁰³ DICKENS, Charles. *David Copperfield*. 13 Ed. Rio de Janeiro: Ediouro. s.d.



Fig. 24: Governanta do século XIX.

A vida da governanta era uma vida de isolamento e muitas vezes era o único modo de vida de uma mulher de meia-idade da classe média, que não havia casado, de ter seu próprio sustento. “como o Sr. Bounderby era solteiro, uma senhora de idade governava a sua casa, mediante certo salário anual. Chamava-se Sparsit essa senhora e era figura de relevo na carruagem do Sr. Bounderby. (...) a senhora Sparsit não só tivera dias melhores, mas era altamente relacionada”¹⁰⁴ Em 1843, a Instituição Benevolente das Governantas foi fundada a fim de proteger essas trabalhadoras. Em 1848, essa mesma instituição abriu o Colégio da Rainha em Londres, para meninas com idade acima de 12 anos. O currículo era sua maior façanha: as meninas podiam escolher entre literatura e língua moderna, mecânica, geografia, geologia, gramática, latim, botânica, química, filosofia e política econômica.¹⁰⁵

De maneira geral, a mulher vitoriana tinha certa independência. Embora fosse acometida de diversas regras que tivessem que ser obedecidas tais como usar um vestuário nada prático ou ter que ser educada em casa, ela tinha uma liberdade invejosa: viajava e passeava sozinha pela cidade “Luísa partiu para Coketown”.¹⁰⁶ (Fig. 25)

Qualquer pessoa que vivia numa sociedade andava pelas ruas e estava sujeita a encontrar outras pessoas por lá, principalmente do sexo oposto. Isso também acontecia na sociedade vitoriana.

¹⁰⁴ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*, p. 40.

¹⁰⁵ LAWSON, John and SILVER, Harold r. *A Social History of Education in England*. London: Methuen & Co. Ltd., 1973.

¹⁰⁶ DICKENS, Charles. *Tempos difíceis*, p. 114.



Fig. 25: A viagem de trem proporcionou a oportunidade às mulheres de viajarem sozinhas (1894).

A mulher burguesa devotada deveria preencher seu tempo lendo, costurando, recebendo convidados, escrevendo cartas, dando ordens aos criados ou se vestindo como a representante social de seu marido.

Já para as classes menos abastadas, as coisas eram bem diferentes. Usavam roupas de segunda mão e os criados comiam os restos das refeições dos patrões. A trabalhadora das fábricas tinha apenas condições de comprar bacon, pequenos vegetais, batatas, carne dura, pão estragado, mingau de cereal, queijo, arenque e salmão defumado.

No final do reinado da rainha Vitória, havia grandes diferenças entre os membros da sociedade, mas principalmente notada no uso das vestimentas. A mulher vitoriana rica tinha um mundo governado pela etiqueta que obstruía seu dia com várias trocas de roupas. Uma dama trocava de roupa de acordo com a ocasião. Havia trajes para as manhãs, para o luto, para passeio, para visitas, para receber convidados, para viajar, para caças, para golfe, para a praia, para corridas, para concertos, para óperas, para jantares e para bailes.

A mulher operária, quando muito, possuía apenas um vestido, roto, esfarrapado, cheio de emendas e imundo. O mesmo vestido para trabalhar, ficar em casa e enfrentar o inverno.

As transformações ocorridas na sociedade industrial inglesa provocaram profundas mudanças no modo no qual cada mulher vitoriana seria idealizada. Diferentes tipos de trabalho e diferentes tipos de modo de vida urbano promoveram uma mudança nos caminhos de cada apropriação da imagem da mulher e cada papel por elas desempenhado nessa sociedade. Num primeiro plano, temos a vida privada e o lar da mulher rica e, de outro lado, a vida bem menos glamourosa da operária fabril.

Considerações Finais

As cidades vitorianas no tempo de Dickens eram lugares onde milhares de pessoas viviam amontoadas. Nesse tempo, Londres era a maior cidade do mundo, tanto pelo aumento da população como pelo desenvolvimento urbano acarretado pelo afluxo de pessoas.

Nos meados de 1880, havia quase quatro milhões de pessoas na “grande” Londres. Esse número foi o resultado do aumento de quase 3 milhões de pessoas durante 30 anos¹⁰⁷. Muitos problemas sociais foram associados com a explosão demográfica, problemas esses que são reconhecidos durante a época que Dickens viveu.

Alguns planejadores urbanos deparavam-se com falta de saneamento, crime, superpopulação e transportes deficientes. Eles acreditavam que as alternativas para resolverem esses problemas era construir, ruas, trilhos, casas baratas e linhas de bonde. Os planejadores acreditavam que as novas ruas construídas iriam prevenir o crime e dominar a expansão de doenças.¹⁰⁸

Com a superpopulação, o problema de saneamento tinha que ser resolvido em primeiro lugar. A expansão e a melhoria das ruas e a expansão dos trilhos de trem (incluindo subterrâneo) seriam acompanhadas por uma melhora do sistema de esgotos da cidade (onde, antes, em Londres, era totalmente direcionado para o Tâmesis). Quando novas ruas foram planejadas e novas ferrovias foram feitas, a principal preocupação não era estética, e sim, sanitária.

As condições sanitárias eram realmente alarmantes, notada não só por Dickens, mas também por Engels, em sua obra *“As Condições da classe trabalhadora na Inglaterra em 1844”*¹⁰⁹, que viveu por 20 meses na cidade de Manchester (ao norte de Londres), principalmente nas regiões imundas de *Gibraltar* e *Little Ireland*, onde sempre se chocava a imundície e degradação da condição de vida dessas áreas.

Tanto a obra de Engels, quanto a obra literária de Dickens nos fornecem uma rica descrição de como vivem essas pessoas numa cidade que oferecia tão pouco em termos de qualidade de vida.

¹⁰⁷, H. J. *Exploring the Urban Past: Essays in urban history*, p. 84.

¹⁰⁸, p. 86

¹⁰⁹ F. Engels, Friedrich. *The Condition of the Working-Class in England in 1844* (London: Swan Sonnenschein & Co., 1887, p. 12).

Dickens faz uma crítica social dura em sua obra, mostrando a degradação e pobreza das cidades inglesas através de suas personagens.

A literatura tem um importante papel na reconstrução dessa realidade que foi a revolução industrial.

Os documentos da época, os ditos documentos oficiais, não exemplificam os costumes e atitudes das pessoas que viviam no século XIX. Eles apenas quantificam e outras vezes discriminam certos dados que não são de menor importância para a pesquisa, mas que não dão suporte e esclarecimentos de como viviam aquelas pessoas naquela dada circunstância. Com certeza não encontraremos numa certidão de nascimento de como os trabalhadores do século XIX se relacionavam entre si ou com seus empregadores. O valor da obra literária e de sua contribuição para o estudo do historiador são imensuráveis. É através dessas memoráveis obras e desses memoráveis autores que podemos conhecer os rituais das práticas da convivência social de um dado período.

A reconstrução histórica de um dado período é sempre delicada, por maior número de fontes que se possa ter acerca do assunto. E principalmente como essa construção é feita por determinado autor e como foi feita também deve ser levada em consideração. O olhar dickensiano acerca da sociedade vitoriana é um olhar que vive o que vê ou vê o que vive? A necessidade que sempre se faz haver nos romances, da presença de uma pessoa que sofre que padece diante das circunstâncias e que, vez ou outra, triunfa no final é uma necessidade de personificar esse mito primitivo de um indivíduo que luta pela igualdade dentro de sua própria classe social e na formação de sua personalidade para não se sentir sozinho nessa busca interior e exterior. É a angústia em querer se sentir meramente único em todo o processo das relações sociais dessa Inglaterra fervilhante que causa essa sensação incômoda, de não reconhecimento do outro, de estar no meio de pessoas estranhas, embora com mesmo ideal.

Os romances contemporâneos à Dickens de maior tiragem eram romances onde o bem sempre triunfava no final, onde as personagens eram tão boas ou tão más que é praticamente impossível pensar que pudessem ser humanas, elas habitavam um mundo entre as musas pintadas pelos grandes artistas (imagens pictóricas de um ideal de homem e mulher) e as donzelas dos contos de fadas, podendo se dissipar até mesmo nos pensamentos de tão imaculada era sua imagem. Esse ditos folhetins romanescos, eram de fácil leitura, que obedeciam à uma padrão já pré-estabelecido, numa moldura onde se fazia apenas preencher os nomes das personagens e o local onde se passava o conto, pois o esboço da novela já tinha fórmula certa: não importasse o que os bons passassem ao longo da história, eles sempre eram vitoriosos no final e os malfeitores, sempre castigados. Mas Charles Dickens rompe esse

paradigma com obras de fácil leitura, mas que levam o leitor a se identificar com uma personagem menos fugaz, que chora, ri, ama e sente raiva, ou seja, mais humana, num drama de caráter mais psicológico, mental, reflexivo. Embora alguns autores do mesmo período também escrevessem romances tão ou mais introspectivos, é Charles Dickens quem vende mais e cai nas graças da população ávida por uma leitura igualitária.

A obra de Dickens é a clara representação de que obra de qualidade para as grandes massas estava, sim, sendo feita na época.

Bibliografia

- AUSTEN, Jane. *Orgulho e Preconceito*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- BEDARIDA, François. *A Social History of England 1851-1990*. New York: Methuen & Co, 1979.
- BOUCHER, François. *A History of Costume in the West* (1979).
- BRONTË, Charlotte. *The Professor*. London: Penguin Books, 1994.
- BRONTË, Charlotte. *Jane Eyre*, Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1964
- CAVALLO, Guglielmo; CHARTIER, Roger. *História da leitura no mundo ocidental*. São Paulo: Ática, 1999.
- COLEMAN, Henry. *European Life and Manner's from London 1808-1870*, 1849.
- COLLINS, Philip. *Dickens and Education*. London: MacMillan & Co. Ltd., 1963
- CHARLOT, Mônica; MARX, Roland. *A cidade "dual" por excelência" in Londres, 1851 - 1901*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1993
- DICKENS, Charles. *Great Expectations*. Canadá, The MacMillan Company of Canada Limited, 1965.
- DICKENS, Charles. *Tempos Difíceis*. São Paulo: CDL, 1969.
- DICKENS, *A Casa Soturna*. Porto Alegre: Globo, 1954.
- DICKENS, Charles. *Oliver Twist*. São Paulo: Melhoramentos, 1969.
- DICKENS, Charles. *Conto de Natal*. São Paulo: América do Sul. *s.d.*
- DICKENS, Charles. *As Aventuras do Sr. Pickwick*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- DICKENS, Charles. *Hard Times*. New American Library, New York, 1961.
- DICKENS, Charles. *Sketches by Boz in Os Carrilhões e outros contos*. Rio de Janeiro: Ediouro. *s.d.*
- DICKENS, Charles. *David Copperfield*. 13 ed. Rio de Janeiro: Ediouro. *s.d.*
- DYOS AND WOLFF, *The Victorian City; Images and Realities* (1973).
- ENGELS, Friedrich. "The Conditions of the Working Class in England". *?*

- FLAUBERT, Gustave. *Madame Bovary*. 12 ed. Rio de Janeiro: Ediouro. *r. d.*
- GASKELL, Peter. *The Manufacturing Population of England: Its Moral, Social, and Physical Conditions, and the Changes which have Arisen from the use of Steam Machinery; with an Examination of Infant Labour*. 1833. New York: Arno Press, 1972
- GAY, Peter. *A paixão terna: a experiência burguesa da rainha Vitória a Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- GAY, Peter. *O coração desvelado: a experiência burguesa da rainha Vitória à Freud*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- HALL, P.G. *The Industries of London since 1861, in London 1808-1870, The Infernal Wen*, Fancis Sheppard, 1971
- HARVEY, John. *Homens de Preto*. São Paulo: Unesp, 2001
- HIMMELFARB, Gertrude. *The Dickensian Poor in The Culture of Poverty*, 1983
- HOBSBAWN, Eric. *Os trabalhadores*. São Paulo: Paz e Terra, 1981.
- HOPKINS, Eric. *Childhood Transformed: Working Class Children in Nineteenth-Century England*. New York: Manchester University Press, 1994
- ILLUSTRATED LONDON NEWS (1853), from *The London Doré Saw*, Eric de Maré (1973)
- KLEIN, Shelley. *Wicked wit of Charles Dickens*. New York: Michael O'Mara Books, 2002.
- LAWSON, John and SILVER, Harold . *A Social History of Education in England*. London: Methuen & Co. Ltd., 1973.
- LONDON TIMES, January, 1840 p.3 *?*
- LONGMATE, Norman. *King Cholera*, (1966). *?*
- MADAME BOVAY (1991). *Dirigido por Claude Chabrol*. Elenco: Jean François Balmer, Christophe Malavoy e Isabelle Huppert. *?*
- MAYHEW, Henry. *London Labour and London Poor*, 1851. *?*
- MARÉ, Eric, *The London Doré Saw* (1973). *?*
- MUMFORD, Lewis. *A cidade na História*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1965.
- PARLIAMENTARY PAPERS 1852 em www.nationalarchives.uk acessado em 17.12.04 às 14h.
- PRESTON and Haines, *Fatal Years*, Princeton, Princeton University Press, 1991.

RAZÃO E SENSIBILIDADE (1995) Dirigido por Ang Lee. Elenco: James Sleet, Tom Wilkinson, Harriet Walter, Kate Winslet, Emma Thompson, Hugh Grant, Emily François.

RUDÉ, George. *Ideologia e Protesto Popular*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1982.

SHEPPARD, Francis. *London 1808-1870, The Infernal Wen*, 1871

STEINBACH, Susie. *Women in England, 1760-1914 : A Social History*. New York: Palgrave Macmillan, 2004.

THE DICKENS ENCYCLOPEDIA, Hayward (1924).

THE NATIONAL ARCHIVES, London em www.nationalarchives.uk acessado em 17.12.04 às 13h40min.

WILLIAMS, Raymond. *O campo e a cidade na história e na literatura*. São Paulo: Cia. das Letras. 1990.